

PARÁ Industrial

REVISTA DO SISTEMA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO PARÁ (FIEPA) • ANO 2 • Nº 9 • SET / OUT / NOV 2009

Rumo ao topo

Os novos empreendimentos, o anúncio de investimentos e o aumento das pesquisas denunciam: o Pará caminha.



É PRECISO INTERNALIZAR NOSSAS RIQUEZAS

Neste momento em que a classe política discute a viabilidade do pré-sal e a distribuição dos royalties entre os estados produtores de petróleo, é oportuno regionalizarmos o tema. Não com relação ao petróleo. Refiro-me ao nosso minério. O Pará tem como pilar de sua estrutura econômica a exportação de minérios, que respondem por quase 90% da nossa pauta de exportação, o que nos classifica como uma economia minerária. Porém, é preciso atentar para a questão de que estes recursos são finitos, e um dia poderemos não mais contar com esta riqueza natural.

A mineração precisa ser uma atividade catalisadora do desenvolvimento deste estado. Através dela, temos grandes possibilidades de vermos nossos municípios vencerem as barreiras para o desenvolvimento socioeconômico. Mas, para isto, precisamos cobrar mais firmeza no processo de repasse da alíquota da Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais (CFEM) aos municípios.

Dados do DNPM (Departamento Nacional de Produção Mineral) indicam que, somente nos oito primeiros meses de 2009, foram repassados cerca de R\$ 170 milhões referentes à CFEM aos 42 municípios que sofrem influência da mineração. Esta é uma importante soma para os cofres municipais e precisa ser internalizada, proporcionando o desenvolvimento das regiões deste estado.

Para isto, precisamos de transparência. Não é possível que, municípios como Parauapebas, que no acumulado desses oito primeiros meses recebeu R\$ 115 milhões da CFEM, sofram de problemas tão primitivos. Este município do sudeste paraense tem um dos maiores índices de lepra do mundo e ainda convive com o mal de Calazar (leishmaniose visceral), transmitido pelos cães abandonados pelas ruas da cidade.

Além desses problemas quase que pré-históricos, o maior município minerador do estado, segundo dados do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) tem mais da metade dos seus habitantes acima da linha da pobreza. A última pesquisa do Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil indica que 55,5% dos habitantes de Parauapebas contribuem para a de-

sigualdade social deste estado. Isso é inadmissível. Não podemos permitir que o mesmo exemplo nefasto que já observamos acontecer com nosso vizinho, o Amapá, se repita em nossos municípios.

No Amapá, mais precisamente na Vila do Elesbão, que fica na área portuária do município de Santana, uma usina de beneficiamento de manganês deixou como herança aos habitantes daquela região, não o desenvolvimento consolidado em escolas, postos de saúde ou urbanização, ao contrário; o que ficou foi um grande volume de rejeitos contaminados por substâncias perigosas ao meio ambiente e à saúde humana. O risco é tanto que o local está entre os maiores do mundo em incidência de crianças que nascem com anencefalia (sem o cérebro).

Isdfkscfkslcsdafscdçf
sdaçffksadflçs
çsdafldsfld~fl~sdfd
~çsdflsdçfl~sdfçf

Este exemplo não deve ser interpretado como uma negativa à atividade mineradora. Tenho plena ciência de que esta atividade enriquece nossa economia e, como já disse, contribui para o estímulo ao nosso desenvolvimento. Aliás, a nossa matéria de capa desta edição ressalta isso. O que precisamos é desenvolver a atividade de forma sustentável, internalizando a riqueza e lembrando que, no futuro, ela pode não mais existir em nosso subsolo.

É preciso incentivar a verticalização da nossa produção. Dar subsídios para que grandes empresas, que trabalham de forma consciente, se instalem no Pará e agreguem valor aos nossos recursos minerais aqui mesmo, neste solo. Aliás, nos escandalizamos quando recentemente, na inauguração das instalações de extração de bauxita da Alcoa, em Juruti, vimos publicada a opinião do Ministro de Minas e Energia, contrária à industrialização do alumínio em nossas terras.

Será que estamos condenados a sermos os colonizados exportadores de matéria-prima? Temos capacidade para industrializar os nossos recursos naturais. A siderúrgica Aços Laminados do Pará (Alpa), da Vale, será um



www.fiepa.org.br

Diretoria da Federação das Indústrias do Pará / FIEPA
Quadrênio 2006/2010

PRESIDENTE: José Conrado Azevedo Santos

VICE-PRESIDENTES

Sidney Rosa - 1º VICE-PRESIDENTE

Gualter Parente Leitão - 2º VICE-PRESIDENTE

Manoel Pereira dos Santos Jr.

Luiz Carlos da Costa Monteiro

Antônio Georges Farah

Ronaldo Maiorana

Roberto Kataoka Oyama

Juarez de Paula Simões

Fernando Antônio Ferreira

Nilson Monteiro de Azevedo

Luiz Otávio Rei Monteiro

DIRETORES

José Duarte de Almeida Santos - DIRETOR SECRETÁRIO DA FIEPA

Antônio Djalma Vasconcelos - 2º DIRETOR SECRETÁRIO

Ivanildo Pereira de Pontes - DIRETOR EXECUTIVO

Roberto Rodrigues Lima - 2º DIRETOR TESOUREIRO

Carlos Jorge da Silva Lima

José Maria da Costa Mendonça

Marcos Marcelino de Oliveira

Fábio Ribeiro Vasconcelos

Jefferson Rodrigues Brasil

Antônio Pereira da Silva

Pedro Flávio Costa Azevedo

Paulo Afonso Costa

Jadir Seramucin

Antônio Emil Macedo

Eugênio Carlos Lopes Victorasso

Hélio de Moura Melo Filho

Ana Clara Rodrigues Boralli

Sonia Kerber

CONSELHO FISCAL

Efetivos:

Fernando de Souza Flexa Ribeiro

Luizinho Bartolomeu de Macedo

Lísio dos Santos Capela

Suplentes:

José Roberval Souza

João Batista Corrêa Filho

CHEFIA DE GABINETE

Fábio Contente

PARÁ Industrial

Revista do Sistema Federação das Indústrias do Estado do Pará (FIEPA)

PRODUÇÃO

[temple]
COMUNICAÇÃO

Av. Conselheiro Furtado, nº 2865

Edifício Síntese 21 - 12º andar

Bairro São Brás | Cep: 66040-100

www.temple.com.br | temple@temple.com.br

REDAÇÃO

Coordenação: Cleide Pinheiro

Edição: Fernando Alves

Projeto gráfico: Calazans Souza

Tratamento de imagem e diagramação: Antônio Machado e Calazans Souza

Reportagens: Alan Cativo, Alessandra Barreto, Bosco Galvão, Fabrício Gesta,

Lorena Nobre, Nathalia Petta, Samilla Cavalcante, Tiago Chaves e Yuri Age

Revisão: Ivanildo Pontes

PUBLICIDADE

Temple Comunicação

Walkiria Medeiros - walkiria@temple.com.br

(91) 3205-6526 / 3205-6500

Impressão: Marques Editora

Tiragem: 15.000 exemplares

FIEPA: Travessa Quintino Bocaiúva, nº 1588. Cep: 66035-190.

(91) 4009-4900 / (91) 3224-1995

ascom@fiepa.org.br

* As opiniões contidas em artigos assinados são de responsabilidade de seus autores, não refletindo necessariamente o pensamento da FIEPA.



Medalha de ouro em conhecimento

Promovido pelo Senai, maior torneio de educação profissional no Pará.

Pág. 24

A superfruta

Sim, ela existe! Chama-se mangostão, ter poder antienvelhecimento.

Pág. 24



3 • EDITORIAL

José Conrado: as parcerias público-privadas podem amenizar a onda de desempregos na indústria

12 • NEGÓCIOS

Empresas reforçam suas marcas e se aproximam do consumidor durante a FIPA 2009

18 • ECONOMIA

Cenário da crise: potenciais industriais fecham as portas à espera de dias melhores

22 • INDÚSTRIA SOCIAL

Programas da Copala transformam a realidade de comunidades carentes

30 • SUSTENTABILIDADE

Como novas rotinas e uma boa dose de planejamento ajudam a manter a saúde da sua empresa

34 • CONSTRUÇÃO CIVIL

Um novo horizonte se abre para o setor com o Programa Minha Casa, Minha Vida

38 • EDUCAÇÃO

Escolas do Sesi inovam a metodologia de ensino com a aplicação da tecnologia Lego

42 • INFORMÁTICA

Certificação oferecida pelo Senai renova os ânimos de profissionais da área de TI



CADA VEZ MAIS PERTO DO TOPO

Os novos empreendimentos, o anúncio de investimentos e o aumento das pesquisas denunciam.

Pág. 24



A CDI foi estruturada para implantar distritos industriais e não para se responsabilizar pela manutenção deles.”

ENTREVISTA:

Ana Marly Lameira, presidente da Companhia de Desenvolvimento Industrial. Pág. 8



E NÃO É QUE ELES CANTAM BEM!

Após 20 anos de espera, enfim as eclusas entram na reta final de construção.

Pág. 24



RADAR DA INDÚSTRIA | 7

Inauguração da Fábrica Santa Terezita

VIDA CORPORATIVA | 33

O papel da comunicação nas novas mídias sociais

INDÚSTRIA EM FOCO | 47

30 anos de MRN retratados por João Ramid



COLABORADORES

- DERYCK MARTINS | Sec. exec. do Conselho Temático de Meio Ambiente da FIEPA
DALBERTO ULIANA | Presidente do Sind. das Ind. de Carnes e Derivados do Pará
CARLOS JORGE | Presidente do Sindicato das Indústrias Gráficas do Pará



Esporte + Cidadania

Está confirmada para o próximo dia 7 de novembro, em todo o Brasil, a 5ª edição do projeto de responsabilidade social empresarial "Esporte Cidadania". Numa parceria entre o Sesi e a Rede Globo, o objetivo principal é promover a inclusão social através do esporte. No Pará, o evento será realizado simultaneamente nos municípios de Altamira, Ananindeua, Belém, Castanhal, Marabá, Paragominas e Santarém. Em 2008, mais de 10 mil crianças e jovens foram beneficiadas.

NORTE COMPETITIVO

A Associação das Federações das Indústrias dos Estados da Amazônia Legal (Ação Pró-Amazônia) deu o pontapé inicial para o projeto Norte Competitivo. O projeto é, na verdade, um estudo mais aprofundado sobre as principais vias de escoamento na região, que sofre com rodovias abandonadas e outros problemas estruturais. As federações, entre elas a FIEPA, esperam ter material suficiente para convencer nossos políticos de optarem pelo caminho do desenvolvimento. A elaboração do projeto ficará a cargo da paulista Macrologística Consultoria.

VAI TER FEIRA

Reforçar a imagem de que, apesar da crise econômica, o Pará continua sendo um dos maiores exportadores de madeira tropical do mundo. Este é objetivo da Aimex (Associação das Indústrias Exportadoras de Madeira do Estado do Pará) com a realização da 8ª edição da Feira da Madeira, que acontecerá de 28 a 31 de outubro, no Hangar. A última edição, em 2007, totalizou mais de US\$ 150 milhões em negócios.

OTIMISMO

A Feira concentrará o foco na agregação de valor, pois o setor está otimista que o pior da crise já passou e que a demanda da construção civil voltará a crescer, o que deve favorecer a exportação de produtos com maior valor agregado. A retração do mercado de construção civil nos Estados Unidos e na União Européia, principais importadores de madeira, afetou negativamente o setor madeireiro ao ponto das exportações no período de janeiro a agosto, comparadas com o mesmo período do ano passado, estarem negativas.



O COD VEM AÍ

DRAMA DA PESCA I

Os períodos de defeso colocaram o setor pesqueiro paraense em uma fase de vacas magras. De 15 de setembro a 30 de novembro, está proibida a pesca da piramutaba. Em outubro será a vez do camarão ter a captura suspensa até fevereiro de 2010. As duas espécies são as mais capturadas na região e os períodos de defeso prolongados devem se refletir em desemprego no setor. Segundo Ivanildo Pontes, diretor do Sinpesca, a estimativa é que o fantasma da demissão atormente 50% dos empregados das indústrias pesqueiras.

DRAMA DA PESCA II

Mas o defeso não é o único problema para as empresas que capturam camarão. Com o dólar em baixa, a exportação do produto já dá sinais de queda. No primeiro semestre deste ano, foram exportadas apenas 304 toneladas de camarão, que representaram US\$ 3 milhões de divisas. Em 2008, as exportações alcançaram US\$ 7 milhões, com 764 toneladas do produto. A queda foi de 56,53%. Exportar para o mercado internacional já não compensa. Por causa disso, as empresas buscam alternativas e investem na conquista de novos mercados nos outros estados brasileiros.

NOVO COMANDO

Por falar no setor de pesca, o sindicato das indústrias de pesca do Pará e amapá (Sinpesca) tem novo presidente. É Armando Burle, empresário da Pará Alimentos. A posse foi no dia 9 de outubro. Ele substituiu Fernando Ferreira, da Ecomar.

O Sistema FIEPA, através do CIN (Centro Internacional de Negócios), lançará na segunda quinzena de outubro o moderno mecanismo de emissão de certificado de origem. O documento passará a ser digital, dando mais conforto, segurança e agilidade aos exportadores paraenses. O COD (Certificado de Origem Digital) também simplifica o burocrático processo para a exportação. Ao invés dos cinco documentos necessários para a emissão do certificado (Nota Fiscal; Registro de Exportação; Invoice, fatura comercial; Bill of Lading, comprovante de embarque; e a Declaração do Processo Produtivo), o novo processo mantém apenas a declaração. A estimativa para a emissão do COD ficará em torno de 15 minutos, não mais as oito a doze horas de espera para uma simples retirada da guia.

Mais potência, mais controle

A Alunorte, refinaria de alumina sediada em Barcarena, colocou em operação uma nova caldeira de geração de vapor para atender a demanda de energia da fábrica. A caldeira do tipo leito fluidizado é a maior em operação no Brasil e tem capacidade para produzir 355 toneladas de vapor por hora. Além da vantagem operacional, a caldeira tem diferenciais de respeito ao meio ambiente. As emissões de SO₂ (dióxido de enxofre) e material particulado na nova caldeira chegam a ser três vezes menores que nas caldeiras substituídas, graças a um eficiente sistema de controle. As emissões de CO (monóxido de carbono) também são baixas devido à alta eficácia de combustão do equipamento.



MEMÓRIA DA INDÚSTRIA

Na foto, de 1965, o então presidente da FIEPA, Gabriel Hermes, participa de um curso de capacitação que envolve outros empresários paraenses. A imagem demonstra o empenho da federação em levar qualificação aos representantes do setor produtivo. Vários empresários voltaram à sala para se aperfeiçoar e compartilhar novos conhecimentos sobre as atividades industriais.

Ocuritibano Rodrigo Loures, 66 anos, é um entusiasta da inovação. Formado em administração de empresas, ele foi um dos fundadores, na década de 60, da Nutrimental. Naquela época, aos 25 anos de idade, teve a ideia de produzir flocos aproveitando os excessos de batata gerados todos os anos no Paraná. O negócio deu tão certo que a empresa é desde então líder no segmento de barras de cereais. Hoje, ele não está mais tão ligado ao dia a dia da companhia – atualmente é membro do Conselho de Administração –, mas nem por isso abandonou a mania de buscar o novo.

Rodrigo está em seu segundo mandato na presidência da Fiep (Federação das Indústrias do Paraná) e atualmente se dedica a difundir no setor produtivo a importância de praticar a sustentabilidade. “As empresas que investem em negócios sustentáveis estão na ponta do mercado, são os mais rentáveis, os que mais crescem”, diz, com a segurança de quem se tornou referência nacional no tema. Em setembro, ele esteve em Belém na condição de coordenador na América Latina do BAWB Global Fórum (sigla em inglês para Negócios como um Agente em Benefício do Mundo), evento realizado pelo Sesi (Serviço Social da Indústria) para discutir como a sustentabilidade agrega valor aos negócios. Rodrigo deu a seguinte entrevista à PARÁ INDUSTRIAL.

SER SUSTENTÁVEL É O MELHOR NEGÓCIO

PARÁ INDUSTRIAL – O Global Fórum reúne empresários e instituições de ensino superior e de pesquisa para discutir a sustentabilidade. Qual a relação entre eles?

RODRIGO LOURES – O propósito desse Global Fórum é discutir uma nova forma de fazer educação superior para preparar os egressos das universidades a terem competências voltadas para a sustentabilidade, entendendo-se por sustentabilidade o fazer com que as empresas sejam lucrativas, mas fazendo isso com impacto socioambiental positivo, no sentido de que o próprio empreendimento contribua para a melhoria social e ambiental, que faça bem para o mundo. Um exemplo, falando da Amazônia, seria uma empresa que possa aproveitar os princípios ativos dos produtos florestais e fazer com que estes produtos melhorem a saúde das pessoas, a educação das pessoas, o próprio negócio em si. Seria um negócio lucrativo e que faria bem ao mundo. É uma atitude que se espera das universidades, especialmente das escolas de administração e economia, que proporcionem uma formação que faça com que os jovens contribuam quando estiverem trabalhando nas empresas para que elas se modernizem nessa direção.

PARÁ INDUSTRIAL – Que ganhos efetivos esse conhecimento acadêmico traz para a indústria?

RODRIGO LOURES – Existem evidentemente exemplos

de empresas que têm uma relação muito estreita com as universidades, é o caso da Embraer. A Embraer é um produto do ITA (Instituto de Tecnologia da Aeronáutica) e essa relação se mantém até hoje. Nós temos um exemplo na área de açúcar e álcool, uma relação muito estreita entre as universidades e os centros tecnológicos de São Paulo. Na área do agronegócio temos um exemplo na região de Curitiba, que é a própria Nutrimental, que tem uma relação muito estreita com a Universidade Federal do Paraná, o Tecparque, que é um centro de tecnologia. Temos dezenas de exemplos brasileiros de sucesso nessa área. Mas o grande desafio é fazer com que milhares de empresas tenham essa interação com as universidades de uma forma natural. Precisamos romper com esse costume brasileiro, onde as universidades, os professores e os pesquisadores fazem muitas pesquisas básicas, mas não aceitam pesquisas aplicadas, ou seja, essas pesquisas básicas não são usadas pelas empresas, e este é um obstáculo.

PARÁ INDUSTRIAL – No Paraná essa interação ainda é incipiente.

RODRIGO LOURES – Existe um dissociamento entre a universidade e a indústria no país todo. Os exemplos de cooperação são uma exceção, não regra. Eu pessoalmente acho isso particularmente importante para a Amazônia, porque a Amazônia hoje é uma região muito valorizada



“Promover o acesso à tecnologia, ampliar a capacidade de inovação e aprimorar a gestão estratégica orientada para resultados são algumas garantias de que o ambiente das MPEs estará sempre amparado.”

no mundo inteiro e no Brasil também, pela sua importância estratégica, pelo impacto que tem no clima, pela reserva que tem de riquezas que eram conhecidas. E o grande desafio da atualidade é como podemos fazer o desenvolvimento sustentável da Amazônia, entendendo-se por desenvolvimento sustentável, aquele desenvolvimento que proporcione emprego, melhoria de renda e geração de riquezas sem comprometer a qualidade da floresta. E aí tem um campo enorme de inovação. O Brasil tem condição ímpar no mundo de poder ter produtos que seriam únicos. Agora isso requer produção de conhecimentos, produção de tecnologias, articulação política, articulação empresarial. É um potencial enorme.

PARA INDUSTRIAL – Há muitas empresas que duvidam que as ações sustentáveis resultem de fato em bons negócios. É uma utopia fazer com que essas ações se traduzam em boas oportunidades?

RODRIGO LOURES – Não é utopia, não. Nós temos no mundo todo exemplos de empresas mais lucrativas, de mais durabilidade, que são capazes de gerar resultados e ter uma emissão de carbono neutra, de equilibrar. Tem muitos exemplos de empresas mundo afora, mas o rendimento neutro ainda é uma minoria, mas elas mostram que é possível adotar processos de produção limpa. Isto é uma evolução. É uma questão de aprendizagem. Assim como existem empresas, também existem países com essas características. São poucos os países, mas a gente pode citar a Dinamarca, a Suécia, que são dois países que são muito avançados nesses conceitos de sustentabilidade, onde a população tem um estilo de vida mais voltado para valores de sustentabilidade. Produção limpa, enfim. ►

Agricultura sem uso de agrotóxicos, o aproveitamento de uso de energias renováveis. Nós temos exemplos que é possível ter sociedades assim. Nós temos exemplos de economias insustentáveis, como os Estados Unidos. Por isso que estão passando por esta grande crise.

PARÁ INDUSTRIAL – E aqui no Brasil, como anda a evolução desta mentalidade?

RODRIGO LOURES – O Brasil, dos grandes países, é sem sombra de dúvidas o que tem as condições mais propícias para se converter numa potência ambiental e energética de baixo carbono. Na medida em que os produtos brasileiros sejam ambientalmente apropriados, isso vai favorecer a compra destes produtos nos parques das nações mais ricas. É uma tendência muito forte do consumidor americano, europeu, japonês, enfim, nos países mais ricos e mais educados. O grande desafio para nós brasileiros em cada município, em cada estado, em cada empresa brasileira, é disseminar esse entendimento sobre a produção limpa, como defender e construir isso.

PARÁ INDUSTRIAL – E o que falta para as pessoas se conscientizarem?

PARÁ INDUSTRIAL – Não é difícil. É muito mais uma mudança de atitude e adoção de um método apropriado. Atitude é atribuir importância a isso. E o método é o de sentar para conversar com pessoas que podem trazer ideias, contribuições relevantes para aprimorarmos os processos dos nossos negócios com impactos positivos ou neutros em relação ao impacto ambiental. Evidentemente a questão da sustentabilidade não é só um desafio ambiental, é também um desafio social, é um desafio de valores, porque as pessoas precisam ter renda, precisam ter qualidade de vida. É através de aprendizagem, do desenvolvimento das nossas técnicas, do trabalho, que a gente chega lá.

PARÁ INDUSTRIAL - Por que é vantajoso para uma empresa ser sustentável?

RODRIGO LOURES – Cada caso é um caso. Temos que ver as circunstâncias, o tamanho de cada empresa, o ramo do negócio e em que mercado atua para podermos identificar em que medida isso possa ser um agregador efetivo do valor. Uma empresa que entra no mercado de capitais e quer ter acesso a aplicações e investimentos em seus negócios vê, cada vez mais, que a sustentabilidade está se convertendo em uma pré-condição para participar do mercado de capitais, uma vez que as grandes firmas de investimentos estão conspirando com o mundo os critérios



“Promover o acesso à tecnologia, ampliar a capacidade de inovação e aprimorar a gestão estratégica orientada para resultados são algumas garantias de que o ambiente das MPEs estará sempre amparado.”

para fazer escolhas de investimentos. Agora, aquelas que estão no mercado mais exigente, segmentos de altas rendas, países europeus e americanos, isso, com toda certeza é um diferencial. Na área de medicamentos, cosméticos e alimentos dos mercados de São Paulo, Curitiba, no Sul do Brasil, é crescente o número de porcentagem de consumidores que querem levar um estilo de vida saudável e dão preferência a produtos que tenham esse valor de saúde, de coisa saudável, de coisa boa.

PARA INDUSTRIAL - O mercado interno ainda tem um pouco de receio com os produtos sustentáveis?

RODRIGO LOURES – Olha, eu vou citar o exemplo da nossa empresa, a Nutrimental. Lançamos nosso grande produto, a barra de cereal Nutry. Passamos por uma crise enorme alguns anos atrás, porque houve uma mudança na política do governo. A gente fornecia muito para a merenda escolar, daí o governo deixou de nos pagar. Enfim, a gente de repente se viu sem mercado e sem receber aquilo a que a gente tinha direito. Era a época do governo Collor, de crise do governo. Tivemos que reinventar nossa empresa. E isso justamente na época que a gente tinha lançado, por ocasião da Eco 92, o primeiro projeto brasileiro de desenvolvimento sustentável, que foi a barra de cereais, um conceito de usar a castanha-do-pará. A gente comprava o produto de Xapuri, do Sindicato de Seringueiros do Xapuri (no Acre), e desenvolvemos o produto para proporcionar àquelas comunidades da Amazônia a oportunidade deles comercializarem produtos que não afetavam a mata. Uma parte dos lucros se destinava a um instituto da Amazônia. E nós lançamos esse produto, que já há tempo é um sucesso. O sucesso desse produto fez com que muitas empresas se interessassem em entrar nesse mercado. A Nestlé entrou com o Neston, entrou a Quaker, o Açúcar União. Foi entrando um concorrente atrás do outro, todos procurando ocupar mercado. E nós tivemos a nossa posição de liderança. O mercado cresceu muito e a gente continua líder de mercado sem precisar entrar em guerra de preço.

PARA INDUSTRIAL - E sempre com foco no mercado interno?

RODRIGO LOURES – Sim, sempre. A gente continua líder do mercado, já é uma marca prestigiada, porque tem uma parte do público que reconhece, identifica e atribui valor ao produto. Nós costumamos dizer que o produto é o herói. Temos produtos voltados para alimentação infantil que competem com o Nestogeno, com o Ninho, enfim, com a Nestlé. Em que pese a Nestlé ser uma gigante

que todos conhecem, a gente tem um espaço no mercado. Você tem o exemplo da Natura, que tem a linha Ekos, substâncias da Amazônia, que é sucesso mundial. Tem o Boticário. Enfim, tem muitos exemplos. Agora, você me pergunta: isso representa a maior parte do mercado? Não, não é. A maior parte do mercado são coisas convencionais e até de baixa qualidade. Mas esses setores sustentáveis são os setores de ponta no mercado, são os mais rentáveis, são os que crescem. No futuro, daqui a 20 ou 30 anos, esse tipo mercado é que vai ser o dominante.

PARA INDUSTRIAL - É caro para uma empresa ser sustentável hoje em dia?

RODRIGO LOURES – Não, não é. O que dá sustentabilidade à empresa, acima de tudo, são as pessoas que trabalham na empresa. Se elas veem significado naquilo que fazem, se o ambiente organizacional estimula que o potencial delas seja bem aproveitado, se elas estão engajadas e são partícipes do destino, da construção de uma empresa, a empresa é sustentável. É uma questão de organizar os trabalhos e proporcionar um ambiente onde as pessoas possam desenvolver seu potencial e ter uma participação apropriada dos resultados. É Isso que dá sustentabilidade à empresa. A empresa tem sustentabilidade, tem clientes que compram seus produtos, tem trabalhadores que se interessam pelo destino dela, tem bancos que financiam a empresa.







PARÁ INDUSTRIAL – Isso quer dizer que não é necessário apenas plantar árvores para ser sustentável?

RODRIGO LOURES – A questão ambiental é outro critério que surgiu e ganhou importância cada vez maior, está até monopolizando o entendimento sobre o que é sustentável. Evidentemente que a questão ambiental é uma dos aspectos da questão, mas não é a única: se as outras não forem contempladas, o negócio não é sustentável. Se o consumidor não estiver satisfeito com o produto da empresa, se o trabalhador não estiver feliz ali, enfraquece o negócio. Se fosse para dizer o que é a pedra fundamental, eu diria que é a qualidade, a vontade das pessoas que trabalham na empresa. Isso não custa caro. Alguns chegam a dizer que para alcançar isso basta ter uma atitude amorosa nas relações de trabalho, entendendo-se por amorosa a questão de respeito, confiança, afeto e valorização do indivíduo. Valorizados, eles naturalmente vão ter aquela lealdade, que é a condição *sine qua non* para uma equipe funcionar bem. ■

Financiamento indústria

Financiamento indústria

Financiamento indústria

INSTITUIÇÕES	CRÉDITO PARA PESSOA JURÍDICA	JUROS	CARÊNCIA
	Sim	1% a.m	12 meses
	Sim	Menos de 7% a.a	Até 6 meses após o início do retorno financeiro do negócio
	Sim	1% a.m.	Sem carência
	sim	variável	variável
	não	-	-
	Sim	variável	variável
	Sim	variável	Máxima de 12 meses
	Sim	variável	variável
Sudam	Sim	Cada projeto tem uma taxa de juros diferenciada	até um ano após o início funcionamento do projeto
	Sim	a partir de 0,9% a.a	Entre 3 e 6 meses

A superfruta

Sim, ela existe! Chama-se mangostão, ter poder antienvelhecimento e o melhor de tudo: o seu cultivo no Pará está aumentando



O açáí, fruto genuinamente paraense, ganhou o mundo depois que a apresentadora Oprah Winfrey revelou em seu programa, um dos mais assistidos na TV americana, que tomava cápsulas com substâncias extraídas diretamente do “acai berry”, nome dado pelos gringos para a fruta. A rica concentração de substâncias antioxidantes foi o principal motivo para que a apresentadora introduzisse o açáí em sua dieta e criasse uma verdadeira febre nutricional nos Estados Unidos. Será que ela já conhece o mangostão?

O fruto asiático, que desde 1935 começou a ser cultivado no Brasil, possui 58 das 200 xantonas (compostos raros na natureza) notificadas pela ciência, sendo conhecido como a maior fonte dessas substâncias. daquelas encontradas no mangostão, as mais estudadas são as com efeito antioxidante, anti-inflamatório e antitumoral (ver quadro). Para a saúde humana, as xantonas ajudam a manter a saúde intestinal, a fortalecer o sistema imunológico, a neutralizar os radicais livres, a fortalecer as cartilagens e o funcionamento das articulações e a favorecer um sistema respiratório estacional saudável. As xantonas não são as únicas substâncias biologicamente ativas no mangostão: o fruto contém ainda fibras, fósforo, cálcio,

ferro e vitaminas A, C, B2, B5.

“O mangostão foi classificado como superfruta exatamente pelo seu poder antioxidante comprovado nas pesquisas científicas. Além disso, o seu sabor agradável, o aroma e a riqueza de nutrientes são outras características que dão destaque para esta fruta”, explica o diretor regional do Ibraf (Instituto Brasileiro de Frutas), Raimundo Sérgio Santos.

Uma das características desta superfruta é que nem todo o seu poder nutritivo está em sua polpa. A casca do mangostão, que representa quase que 70% do peso do fruto, contém xantonas e taninos (usado como tintura), substâncias que dão adstringência e desestimulam a infestação por insetos, fungos, bactérias e até mesmo o ataque de animais predadores enquanto o fruto não está maduro.

A Oprah pode até não conhecer, mas o mangostão já faz parte da dieta de muitos americanos, que, além de consumirem o fruto, utilizam na indústria farmacêutica e na produção de tinturas para cabelo, xampu e sabonetes. Parte dos pacotes que chegam aos Estados Unidos tem o adesivo de empresas brasileiras, especialmente da Bahia e do Pará, que despontam como os maiores produtores

do fruto no Brasil. No Pará, as fazendas de mangostão estão concentradas na região nordeste, nos municípios de Tomé-Açu, Castanhal, Benevides e Santa Izabel, onde se encontram várias colônias japonesas, responsáveis pela introdução do fruto no cultivo paraense.

Pouco dessa produção é consumida no mercado interno. A maior parte é comercializada para os supermercados das grandes cidades do Sul e Sudeste, como Rio de Janeiro e São Paulo, onde o consumo da superfruta vem se tornando moda. Além da venda para os estados brasileiros, o Pará começou a exportar o mangostão para o mercado norte-americano. No primeiro semestre deste ano, o estado negociou dois contêineres cheios da fruta, com 36 toneladas, sendo que dessas 20 foram da polpa e as 16 toneladas restantes de casca do fruto, que serve para a indústria farmacêutica e de cosméticos.

“Temos condição de exportar quatro a cinco vezes mais do que foi comercializado com os Estados Unidos. O problema é que, falando de mercado como o norte-americano, nossa produção se torna muito baixa para o tipo de demanda deles”, conta Herbert Levy, diretor da Top Açai, a primeira empresa paraense a exportar o fruto para o mercado internacional e que integra o Programa Exporta CIN.

Para o próximo ano, acompanhando a safra do mangostão – que no Pará ocorre em dois períodos, de janeiro a maio e de outubro a dezembro -, Herbert Levy espera comercializar, só para os Estados Unidos, dez contêineres do fruto. “Na primeira exportação foi difícil conseguir grande quantidade do mangostão, pois era preciso ganhar a confiança dos produtores. Os japoneses são muito desconfiados, eles achavam que eu fosse concorrer com eles no mercado carioca e paulista, vendendo o fruto para as grandes redes supermercadistas”, explica. De acordo com o diretor da Top Açai, como o relacionamento com os produtores do mangostão no Pará já foi estabelecido, será mais fácil conseguir uma maior quantidade da fruta para a exportação.



CAUTELA COM AS VENDAS

Para 2010 a exportação do mangostão tem tudo para expandir. Além do relacionamento já estabelecido com os produtores do fruto, as empresas exportadoras contam com o auxílio da FIEPA, que através do CIN (Centro Internacional de Negócios) incentiva e fortalece a exportação dos produtos paraenses para o mercado internacional. A entidade foi fundamental para que o mangostão entrasse no mercado americano. Através do Exporta CIN, foi identificado, por meio de consultoria técnica, as empresas com potencial de produção e processamento do fruto. Além disso, o CIN participou neste ano de duas feiras internacionais do segmento de alimentação: o Salão Internacional de Alimentação (Sial), na França, e o Alimentária, em Portugal. Ambas, por reunirem as empresas mais significativas do ramo de alimentação e bebidas, são ocasiões estratégicas para prospectar o mercado.

Apesar das boas expectativas, prevalece a cautela. Mesmo com o aumento em potencial da exportação do fruto para o próximo ano, o CIN ainda deverá continuar trabalhando apenas com o mercado norte-americano. “Estabelecemos um primeiro contato com este mercado. Para o ano, continuaremos comercializando para os Estados Unidos, apenas com este mercado. Ainda não é possível pensar em exportar o mangostão para outros pa-



QUANTOS BENEFÍCIOS

Além de seu efeito antienvhecimento, as xantonas do mangostão apresentam outros poderes, como:

- ☑ Antiviral
- ☑ Antidepressivo
- ☑ Antiparkinson
- ☑ Antialzheimer
- ☑ Aumenta a imunidade às doenças
- ☑ Antialérgico
- ☑ Fungicida (Antifúngos)
- ☑ Antiparasita

FONTE: CHAU KA-MING (1990), FOOD NUTR. CNTR. (1968*)

i Mangostão



AÇAÍ

Principais nutrientes:

Ácidos graxos
ômega, fibras

Antioxidantes:

Antocianinas, ORAC
excepcional



BLUEBERRY

Principais nutrientes:

Vitamina C, manganês

Antioxidantes:

Antocianidinas



NONI

Principais nutrientes:

Vitamina C, potássio

Antioxidantes: Lignanas



OXICOCO

Principais nutrientes:

Vitamina C

Antioxidantes:

Antocianinas



MANGOSTÃO

Principais nutrientes:

Fibra dietética, folato

Antioxidantes:

Xantonas (no
exocarpo)



GOJI

Principais nutrientes:

Fibra dietética, riboflavina

Antioxidantes:

Carotenóides, polifenóis



ESPINHEIRO- MARÍTIMO

Principais nutrientes:

Vitaminas A, C e E

Antioxidantes:

Carotenóides,
polifenóis



ROMÃ

Principais nutrientes:

Vitamina C

Antioxidantes:

Punicalaginas, ácido
elágico

ises, já que para isso precisaríamos desenvolver análises completas de cada caso”, explica o gerente do CIN, Raul Tavares.

O mangostão paraense pode até ficar voltado apenas para o mercado paraense, mas o tal do “acai berry” vem mesmo ganhando o mundo. Sendo o carro-chefe do Exporta CIN, o açaí deverá chegar, no próximo ano, até os consumidores europeus. De acordo com Tavares, em 2010 o CIN retoma as ações de segmento para o produto, no caso o açaí. Focando agora não mais para os Estados Unidos, mercado já consolidado: o fruto típico da palmeira amazônica será direcionado para a Itália, mais especificamente à região da Sardenha, aproveitando o verão europeu.

Além da expansão das vendas do mangostão para os Estados Unidos e da retomada da exportação do açaí, o CIN deverá, em 2010, incorporar no seu programa de fomento à exportação um novo segmento da indústria paraense. Os técnicos do programa já estão verificando quais atividades têm melhores possibilidades de inserção no mercado internacional. Mas sem, jamais, abandonar a fruticultura. Afinal, o Pará não pode deixar faltar o açaí na dieta da Oprah e nem que as indústrias farmacêuticas fiquem sem o seu poderoso agente antienvhecimento. ■



INOVAR É PRECISO!

O termo inovação tem sido cada vez mais utilizado nos ambientes empresariais, acadêmicos, governamentais, na mídia e pela população em geral. A inovação já está muito presente no dia-a-dia da sociedade. Afinal ao assistir televisão numa tela de LCD ou fazer qualquer alimentação num restaurante “a quilo”, ou ainda acessar notícias pelo celular, é possível perceber as inovações na prática.

Inovar, principalmente para o setor produtivo, é “imprescindível para garantir o futuro das empresas”. Essa frase é do presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Armando Monteiro Neto, na apresentação da edição especial do livro “Inovação Prioridade Nº 1”, de Rowan Gibson e Peter Skarzynski, entregue aos participantes do 3º Congresso Brasileiro de Inovação na Indústria, em agosto deste ano. Ainda para Monteiro Neto “a inovação deve ser um tema permanente e estratégico para as empresas brasileiras”.

Ele tem razão. Só com a exploração de novas idéias será possível melhorar os negócios, criando vantagens competitivas e gerando o desenvolvimento sustentável. É por isso que o Sistema FIEPA está incentivando as empresas paraenses a ingressarem neste processo de promoção da inovação. A própria presidência da Federação assumiu a coordenação do Movimento Empresarial pela Inovação (MEI), no Estado do Pará e na região.

O MEI visa colocar o setor produtivo brasileiro como protagonista no processo de promoção da inovação no país, reconhecendo o papel estratégico dessas mudanças dentro das organizações. A Federação das Indústrias, assumindo uma postura pró-ativa, também partiu para a construção do projeto Inovar, que materializa a estratégia de atuação de todo o Sistema FIEPA em tecnologia e inovação. O Inovar tem a coordenação do IEL, no Pará, e está previsto para 2010.

O projeto é constituído de quatro componentes. O primeiro deles trata da disseminação da cultura da inovação internamente, para parceiros como as ICT (Instituições de Ciência e Tecnologia), organizações governamentais e não governamentais e para as empresas paraenses, suas cadeias de fornecedores e clientela. Envolve capacitação, troca de experiências, divulgação e incentivo à adoção de

práticas empresariais inovadoras.

O segundo visa a identificar, qualificar e priorizar as demandas por tecnologia e inovação das empresas paraenses por setor, compará-las com as ofertas das ICT atuantes no estado e, a partir de um processo de construção coletiva, elaborar o plano de atendimento das demandas de cada setor. É desenvolvido através de uma metodologia que, além de promover a integração entre as empresas, os órgãos reguladores e a academia, gera um portfólio de projetos priorizados e chancelados por estes atores.

O terceiro componente objetiva qualificar a atuação do Sistema FIEPA junto às instituições de ensino, Fundações de Amparo a Pesquisa e outros órgãos responsáveis

Isdfkscfkslcsdafkscdf
sdaçffksadffçs
çsdafldsfld~fl~sdfd
~çsdflsdf~sfsçffsf

pelo financiamento de ciência, tecnologia e inovação ou pela promoção do desenvolvimento em todos os níveis, visando estabelecer parcerias para alavancar recursos para o apoio a projetos e a subvenção econômica à inovação para as empresas locais. Utiliza as representações do Sistema nos conselhos dessas instituições e em todos os fóruns relacionados com o tema. Os portfólios de projetos setoriais gerados no componente anterior são importantes subsídios para qualificar esta atuação.

O último deles se preocupa com a formação do inovador de amanhã, estabelecendo programas de estagiários e trainees inovadores nos quais tanto as empresas interessadas como os candidatos a estagiário ou trainee serão previamente capacitados no tema para participar dos programas.

É importante deixar claro que Inovar é também fator de diferenciação e uma exigência de mercado e que o IEL, no Pará, já está preparado para dar suporte às nossas empresas na gestão da inovação. Dispõe de cadastro de consultores especializados e já oferta cursos de capacitação no tema.

Ironia do destino



ENGENHARIA
TEMOS VAGAS

Com a previsão de geração de novos empregos na indústria, profissão tem tudo para despontar nos próximos anos. A má notícia: boa parte das empresas e dos profissionais locais está aquém das exigências

Se você é engenheiro, tem amigos engenheiros ou parentes engenheiros, vai aí uma boa notícia: esta tem tudo para ser uma das profissões mais badaladas no Pará nos próximos anos. Pode preparar o currículo. Entre 2010 e 2012, cerca de 13.700 empregos poderão ser gerados no setor de engenharia de obras industriais no estado. Esta boa oferta de postos de trabalho na área é explicada pela grande quantidade de projetos de mineração e siderurgia

que estão em operação e, sobretudo, pelos empreendimentos que serão instalados em terras paraenses.

Agora, a notícia ruim: do total de empregos que poderão ser gerados na área de engenharia, estima-se que apenas 6% ou 7% das vagas ficarão com profissionais locais, isso considerando a capacidade das empresas paraenses que tem se especializado em atender este mercado. Interpretando as notícias, é possível concluir que os engenheiros paraenses têm

um grande leque de oportunidades pela frente, mas, ao mesmo tempo, têm que superar alguns desafios para aproveitá-las.

Esses e outros dados estão em um diagnóstico sobre o setor de engenharia do Pará realizado pelo PDF (Programa de Desenvolvimento de Fornecedores), vinculado à FIEPA, que busca desenvolver empresas e profissionais locais por meio da geração de negócios. Intitulado “Engenharia no Pará”, o estudo levantou



dados que ajudam a compreender como a engenharia se caracteriza no estado, seu desenvolvimento e como funciona a participação dos atores envolvidos. Além disso, levanta os principais desafios do setor para os próximos anos. O diagnóstico colheu informações de empresas de engenharia nacionais que trabalham regularmente no Pará e locais (cadastradas no PDF) e de instituições de ensino que oferecem cursos de graduação e pós-graduação na área, além de entidades como o Crea-PA (Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Pará) e FIEPA.

O estudo deixa claro: a grande quantidade de projetos de mineração e siderurgia já existentes e que serão implantados no Pará evidenciam a importância do setor de engenharia para o estado, em especial a de projetos. Aliás, não é nem preciso ir aos municípios onde eles estão instalados: basta olhar em volta para ver centenas de prédios, casas, condomínios e obras de infraestrutura pública sendo realizados em Belém e em cidades vizinhas. E a previsão é que, com as obras do PAC e com os anúncios recentes de empresas do porte da Vale - que prevê vultosos investimentos no estado em empre-

DÁ PARA MELHORAR

Ainda existe um vácuo entre a demanda de mão de obra dos grandes projetos de mineração e siderurgia do Pará e a efetiva participação das empresas e profissionais locais de engenharia. Algumas ações que podem reduzir esse distanciamento:

- ☑ Elaboração de programas de apoio à pesquisa;
- ☑ Promoção de parcerias entre instituições de ensino e setor privado, gerando o desenvolvimento de produtos e serviços com as empresas
- ☑ Realização de atividades e cursos voltados para o planejamento e gestão estratégicos das empresas locais
- ☑ Incentivo à qualificação técnica e acadêmica da mão de obra paraense
- ☑ Incentivo à troca de tecnologia entre as empresas que se instalam no Pará e os fornecedores locais.

endimentos que vão da mineração à habitação -, a demanda por mão de obra na área de engenharia aumente sobremaneira nos próximos anos.

Essa projeção anima profissionais ligados ao setor, dado o potencial da atividade e sua capacidade de gerar novos negócios. “A engenharia favorece a inovação, com consequentes ganhos de produtividade e competitividade das empresas”, afirma Evandro Diniz, coordenador técnico do PDF e organizador do diagnóstico. “Outro benefício é que o desenvolvimento da engenharia local gera a diminuição de custos para os projetos. A inteligência local poderá, em contato mais direto com

o cliente, antecipar soluções, adequações e as inovações necessárias que seriam mais difíceis se realizadas à distância.”

Segundo o Crea-PA, existem hoje no estado 151 empresas de engenharia de projetos registradas na entidade. A grande maioria (88 empresas) está localizada em Belém. Para José Viana, presidente da entidade, a distância dessas empresas dos locais onde os grandes projetos estão instalados não influencia na qualidade dos serviços prestados, já que o mais importante é que a equipe técnica esteja atuante no local da obra. “As empresas situadas em grandes cidades levam a vantagem



UNIVERSIDADE, A MAIOR ALIADA

As instituições de ensino do estado mereceram um capítulo a parte no diagnóstico. Para Evandro Diniz, do PDF, a integração entre a academia, as empresas e entidades do setor privado e o governo é fundamental para aumentar a competitividade dos profissionais locais. “As universidades são capazes de gerar conhecimento que podem levar as empresas a inovar a sua gestão, processos e fabricação, de modo a produzir produtos e serviços diferenciados”.

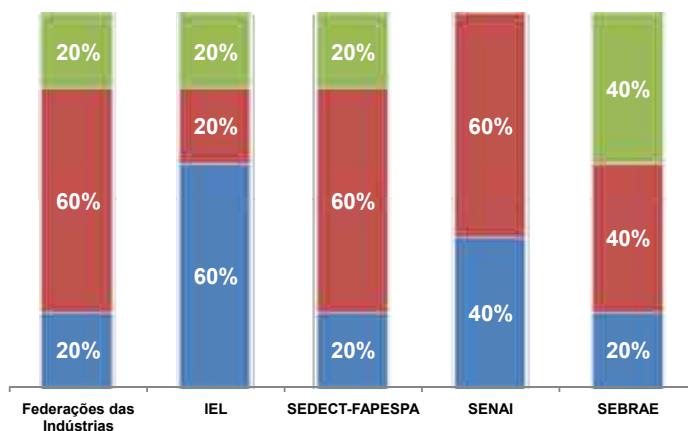
Considerando a UFPA (Universidade Federal do Pará), Iesam (Instituto de Estudos Superiores da Amazônia), Faci (Faculdade Ideal), Uepa (Universidade do Estado do Pará) e IFPA (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia), antigo Cefet, que foram pesquisadas durante a elaboração do diagnóstico do PDF, são ofertados hoje 14 cursos de engenharia em polos espalhados pelo

estado. Juntas, elas possuem 135 laboratórios para testes e pesquisas.

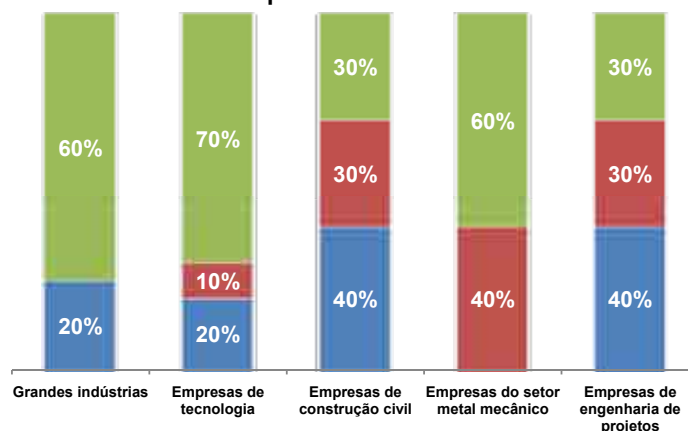
Um dado positivo é a quantidade de doutores no quadro discente das instituições de ensino: são 247 professores com doutorado, o que corresponde a 56% do total. “A grande maioria de nossos professores com doutorado tem um contato forte com as empresas, uma prática que é bastante incentivada na instituição, e são capazes de promover a inovação tecnológica”, explica Manoel Sena, diretor acadêmico do Iesam.

As instituições de ensino podem participar do desenvolvimento do setor formando profissionais qualificados e com o apoio dos laboratórios de pesquisa. Apesar disso, a interação entre elas, governo, empresas e entidades do setor privado, de acordo com avaliação feita pelas próprias instituições, ainda precisa melhorar (ver quadros).

Interação entre setor acadêmico e empresas privadas



Interação entre setor acadêmico, governo e entidades do setor privado



Por conta própria, alguns estudantes já buscam uma formação diferenciada. “Faço a graduação e também o curso técnico de edificações na Escola Técnica Magalhães Barata. Acho que um curso técnico fornece uma qualificação mais detalhada em determinada área e um diferencial profissional”, diz Joesley Roberto Moreira Correia, aluno do 3º ano do curso de engenharia civil da UFPA (Universidade Federal do Pará).

A interação entre governo, setor produtivo, governo e instituições de ensino vai aumentar agora com a implantação de três parques de ciência e tecnologia, até o final de 2010, em Belém, Marabá e Santarém. É o que acredita Roberto Limão, diretor de ciência e tecnologia da Sedect (Secretaria de Estado de Desenvolvimento, Ciência e Tecnologia). Segundo ele, os parques serão os locais onde

ETIQUETA NO TRABALHO: VOCÊ TEM?

É preciso seguir regras básicas de comportamento e apresentação para se adequar às severas exigências do mercado de trabalho.

Talento e competência são fundamentais para qualquer profissional que se preze. Mas se engana quem pensa que basta ter um currículo repleto de qualificações e notória habilidade. A necessidade de atributos vai além. Dentro da empresa, é preciso seguir princípios essenciais para a manutenção da boa imagem e do convívio saudável com os colegas. São as famosas regrinhas de etiqueta. Algumas delas:

1) A ROUPA: Tudo deve começar com uma apresentação agradável. Empresas e lugares mais formais necessitam de um cuidado especial com o visual. Essa formalidade, no entanto, não é sinônimo de grifes e luxo nas roupas. A designer industrial e especialista em moda e criação Yorana Maia conta que, para se vestir adequadamente, não é necessário grande investimento, e sim bom senso. “Nada de roupas com decote ousado, justas ou chamativas.”, ensina. “Na dúvida, a melhor opção é o básico. Com cores neutras, como os tradicionais preto ou branco, não há como errar”, afirma. “O clima daqui é castigante, mas é verdade que a maioria das pessoas trabalha em ambientes com ar-condicionado. Então, que se use uma blusa básica e leve, e, ao chegar ao local de trabalho, coloque-se um blazer ou paletó.”

O cuidado com o vestuário vale, ainda, para aqueles que usam uniformes, principalmente os de cor clara. “Por serem usados diariamente, podem manchar ou descosturar com facilidade. Isso pode passar uma imagem relaxada e até não muito limpa”, adverte Yorana.

2) APARÊNCIA: Sobrancelhas fechadas, cara sisuda e braços cruzados em uma conversa, por exemplo, somam pontos negativos. Por isso, a fisionomia aprazível e a boa comunicação não podem faltar. A jornalista e consultora de moda Felícia Asmar diz que algumas emoções devem ser neutralizadas. “Ao entrar na atmosfera profissional, os problemas ou divergências pessoais devem ser esquecidos”, avisa.

O excesso de timidez atrapalha o relacionamento profissional. Dentro da empresa é preciso “ser notado”, ser ponto de referência. Mas cuidado: isso não é conquistado no grito. “Falar muito alto e dar gargalhadas descontroladas é horrível. A sobriedade e o equilíbrio são indispensáveis em qualquer situação”, observa Felícia.

“A pessoa tem que cativar a todo o momento, e isso



não tem nada a ver com bajulação. Segurar o elevador, bater na porta levemente antes de entrar em uma sala, cumprimentar com bom dia, boa tarde e boa noite são a base dos relacionamentos sociais”, explica Felícia. Outro erro grave é o fumo em espaços coletivos, proibido, pela lei antifumo. Não se trata apenas de etiqueta, é uma questão de respeito.

A conduta adequada não acaba no batente: é extensiva a solenidades e confraternizações das organizações. “Tem gente que acha que porque está numa festa tem o direito de se soltar. Então, acaba bebendo e falando mais do que devia”, argumenta.

3) EDUCAÇÃO: Bonnie Braga, analista de Recursos Humanos, há dez anos trabalha com recrutamento e seleção de pessoas. Ela diz que cada empreendimento tem uma cara própria, um determinado perfil. “A essência não é nem a aparência física, e sim a sua apresentação. Muitos confundem os dois”, declara. “Na apresentação, é preciso vender seu peixe. Esse é o momento do marketing pessoal”, reitera.

Há casos antológicos. “Um rapaz chegou com um bom currículo, mas quando fui entrevistá-lo, de cada cinco palavras que ele soltava, seis eram palavrões e gírias. Aí não tem como”, argumenta. A recrutadora observa que as instituições não estão buscando somente o conhecimento técnico. “A capacitação, muitas vezes as próprias empresas acabam proporcionando através de cursos, palestras e diariamente com a prática. O diferencial é sem dúvida a proatividade”, indica Bonnie.



Cada vez mais perto do topo Os novos empreendimentos, o anúncio de investimentos e o aumento das pesquisas denunciam: o Pará caminha para ser, em pouco tempo, o maior produtor nacional de minérios

O gesto foi apenas protocolar, mas ainda assim ficou para a história. Aconteceu no dia 15 de setembro em Juruti, município com aquele típico jeitinho de interior, localizado no oeste do Pará. Era por volta das 14h. Lado a lado, a governadora do Pará, Ana Júlia Carepa; o prefeito de Juruti, Henrique Costa; o ministro de Minas e Energia, Edison Lobão; e o presidente da Alcoa na América Latina, Franklin Feder, juntaram as mãos para acionar o botão que deu o início oficial ao funcionamento da Mina de Juruti, um megaempreendimento da Alcoa que prevê a produção de 2,6 milhões de toneladas de bauxita por ano. Para as autoridades ali

presentes, o evento foi uma boa oportunidade para fazer discursos apaixonados e tirar fotografias que estamparam jornais, revistas e sites. Mas o acontecimento teve um mérito maior. A inauguração da Mina de Juruti foi mais uma etapa do fortalecimento da mineração no Pará. E mais do que isso: foi mais um passo dado pelo estado para assumir a condição de maior potência mineral do Brasil. Atualmente, o estado é o segundo mais produtor nacional, atrás de Minas Gerais. A previsão é que, daqui a alguns anos, as posições sejam invertidas. É possível listar uma série de estatísticas que mostram o aumento da produção mineral paraense, as pesquisas que estão em andamento, os investimentos previstos no estado... é mais aconselhável o leitor ver os gráficos nas páginas 28 e 29 para visualizar a progressão. Um dos melhores retratos do crescimento do setor está no dia a dia dos técnicos do 5º distrito do DNPM (Departamento

Nacional de Pesquisas Mineralis). Vinculado ao Ministério de Minas e Energia, é este órgão o responsável pela gestão minerária no Pará. A rotina dos técnicos tem mudado. As demandas são crescentes. É comum ver as mesas com pilhas de processos. São pedidos e mais pedidos de empresas que querem fazer pesquisas no estado ou buscam licenças para lavrar minas. “Às vezes preciso sair do gabinete para atender algo que não seria da minha função como chefe do DNPM, mas me vejo na obrigação de fazer desta maneira para ajudar os outros colegas. Se não for assim, no sistema de ajuda, a gente não consegue fazer um bom trabalho”, diz o chefe do 5º distrito do DNPM, Every Aquino. Geólogo formado pela UFPA (Universidade Federal do Pará), Aquino está há 25 anos no departamento. Não vê a hora de o governo realizar um novo concurso público para ampliar o quadro funcional

INVESTIMENTOS PREVISTOS 2009-2013 em US\$ x 1.000					
GRUPO	INVESTIMENTOS	OBJETIVO	LOCAL	US\$ 1.000	PRAZO
ALCOA	Proj. Juriti	Mineração de Bauxita	Juriti - PA	750.000	2009 a 2010
Vale	Proj. PBP III	Mineração de Bauxita	Paragominas - PA	487.000	2009 a 2012
Alunorte	P. 3ª Expansão	Benef. de Bauxita	Barcarena - PA	1.100.000	2009 a 2009
Vale/HYDRO	CAP	Refinaria de Alumínio	Barcarena - PA	2.200.000	2009 a 2012
ALCOA	Expansão	Refinaria de Alumina	São Luis -MA	1.500.000	2009 a 2009
Mineração Caraíba	Boa Esperança	Mineração de Cobre	Tucumã - PA	282.000	2009 a 2010
Vale	Proj. Salobo	Mineração de Cobre	Marabá - PA	1.152.000	2009 a 2011
Vale	Proj. Exp. Salobo	Mineração de Cobre	Marabá - PA	855.000	2009 a 2013
IMERYS	Expansão	Mineração de Caulim	Barcarena - PA	150.000	2009 a 2009
Vale	Carajás 130 mtpa	Mineração de Ferro	Carajás - PA	1.313.000	2009 a 2011
Vale	Carajás/Expansão	Mineração de Ferro	Carajás - PA	290.000	2009 a 2010
Vale	Carajás Serra Sul*	Mineração de Ferro	Carajás - PA	11.297.000	2009 a 2013
Vale	Expansão EFC	Transporte M. Ferro	Carajás - PA	622.000	2009 a 2009
Vale	Proj. Onça Puma	Mineração de Níquel	Ourilândia - PA	1.716.000	2010 a 2011
Vale	Proj. Ni Vermelho	Mineração de Níquel	Canaã - PA	Adiado	1.150.000
TOTAL DOS INVESTIMENTOS EM US\$ 1.000				23.714.000	

do órgão. Atualmente, cerca de 50 profissionais atendem a demanda do setor mineral em todo o estado. “Estou pleiteando no concurso 25 vagas para o distrito. Temos uma limitação no número de vagas que foi permitido ao DNPM pelo Ministério do Planejamento. Não é o ideal, mas com essas vagas já nos daria uma folga. Fariamos uma boa gestão no estado com cerca de 100 servidores.” É fácil ver os funcionários saírem do departamento, localizado na avenida Almirante Barroso, em Belém, só depois das 18h – algo um tanto incomum para a maioria dos órgãos públicos. O DNPM não é o único órgão demandado pelo setor mineral. A Sema (Secretaria de Estado de Meio Ambiente) também tem a mineração como cliente. É a secretaria que concede as licenças que permitem a construção e operação de um empreendimento mineral no Pará. Os técnicos da secretaria também viram a demanda crescer nos últimos anos. São tantas viagens das equipes para vistoriar empreendimentos no interior do estado que é complicado agendar entrevistas com os técnicos da secretaria.

Pelo andar da carruagem, em pouco tempo serão necessários novos concursos públicos para aumentar a força de trabalho dos órgãos. A mineração não para de avançar no Pará. Se hoje o estado tem nove municípios mineradores, a expectativa é que daqui a três anos este número salte para 14. Segundo estimativas do Ibram (Instituto Brasileiro de Mineração), o estado deverá receber, até 2013, investimentos na ordem dos R\$ 22 bilhões (ver tabela). A título de comparação, Minas Gerais, a atual potência mineral do país, receberá aportes de R\$ 17 bilhões. Os investimentos em solo paraense serão traduzidos em novas pesquisas e, sobretudo, na implantação de empreendimentos. Estão em andamento o licenciamento e a implantação de projetos de cobre como o Salobo, o 118 e o Cristalino, todos de responsabilidade da Vale, localizados na região sudeste. A mesma Vale investe em projetos de ferro das Serras Sul e Leste em Carajás e na produção do níquel existente em Ourilândia do Norte. Isso sem falar nas prováveis expansões de alguns

empreendimentos já em atividade e nas megajazidas de níquel, localizadas também no sudeste do Pará, pertencentes à Anglo American e Xstrata. As áreas estão sendo pesquisadas e a expectativa é que até 2013 o minério comece a ser lavrado. “Podemos afirmar que na região em Xinguara, Tucumã e São Félix do Xingu teremos, num espaço de dez anos, um grande corredor produtor de níquel, dependendo é claro do preço do minério no mercado”, comente Every Aquino, do DNPM. A crise econômica mundial foi um duro golpe no setor mineral. As empresas demitiram e projetos foram adiados. Tomando como base o mês de maio de 2009, a demanda pelos produtos da pauta mineral do Pará caiu. O cenário refletiu na queda das exportações tanto na indústria extrativa, quanto na transformação mineral. Apesar disso, verificou-se um crescimento de 21% nas exportações acumuladas desde janeiro deste ano. No mesmo período de 2008, a indústria extrativa mineral do Pará exportou US\$ 1,6 bilhão. Em 2009, as exportações dos cinco primeiros meses subiram para

US\$ 1,9 bilhão.

Para Paulo Camillo Penna, presidente do Ibram, os resultados da mineração no Pará, em especial, demonstram o vigor e a importância da atividade para o estado, ainda que em um cenário de forte retração econômica. “É muito importante que o governo do Estado e municípios mineradores permaneçam mobilizados para o atendimento da retomada da demanda mundial por minérios, o que deve ocorrer a curto prazo.”

QUADRO

O desafio da bauxita

O Pará tem hoje as duas maiores minas do Brasil, ambas de ferro, de propriedade da Vale e localizadas em Parauapebas, município localizado no sudeste do estado. É em território paraense que estão instaladas as maiores produtoras de caulim, minério utilizado largamente na indústria de papel, do país. Mas é o potencial para a produção da bauxita e de seus derivados que mais rende holofotes para o estado. O minério é a matéria-prima para a produção do alumínio.

Cerca de 6% de toda a bauxita do planeta dorme sob o solo paraense. Só a Austrália tem depósitos maiores do minério. Até 2008, o Pará produzia pouco mais de 22 milhões de toneladas da substância. Com a inauguração da Mina de Juruti, da Alcoa, e a possível expansão do projeto de bauxita da Vale localizado em Paragominas, o potencial produtivo do estado deverá saltar para a casa dos 25 milhões de toneladas, o equivalente a mais de 90% de toda a produção nacional e a cerca de 12% do que é produzido em todo o mundo.

Encontrada principalmente em regiões ao longo da linha do Equador, a bauxita paraense está entre aquelas de melhor qualidade, principalmente pelo clima tropical do estado e pela própria característica do minério, que faz com os teores altos de alumínio se contraponham às quantidades de sílica e ferro, fazendo com que a bauxita tenha grande aceitação no mercado internacional. As primeiras buscas pela bauxita aconteceram na década de 1950 e foram patrocinadas pela empresa americana Kaiser Aluminium. As pesquisas se concentraram entre a foz do rio Amazonas e o rio Trombetas. De lá para cá, vários platôs (montes com superfície plana), com grandes reservas do minério, foram encontrados.

Por conta da localização das reservas do minério – concentra-se em grande parte na mesorregião do Baixo Amazonas, no oeste paraense –, as empresas precisam superar grandes dificuldades de instalação e operação, sobretudo pela carência de infraestrutura na região. A Alcoa, por exemplo, investiu R\$ 3,5 bilhões em seu empreendimento de Juruti, sendo que boa parte deste recurso foi aplicada na construção de porto, rodovia e ferrovia. Segundo especialistas, os maiores investimentos da mineração não ocorrem na mina, mas sim em logística e em obras de infraestrutura.

A logística não é, aliás, a maior das preocupações para a produção da bauxita no Pará, já que as reservas são enormes, os rios ajudam a escoar a produção e a engenharia já permite vencer algumas distâncias. A Alunorte,

maior refinaria de alumina do mundo, por exemplo, tem a sua planta industrial localizada em Barcarena, nordeste do estado. A empresa recebe parte da bauxita utilizada em seu processo produtivo do projeto da Vale, de Paragominas, por meio de um mineroduto, que transporta o minério por 244 quilômetros em grandes tubulações subterrâneas. Ao chegar à Alunorte, a bauxita se transforma em alumina, que em seguida é utilizada para a fabricação do alumínio.

Uma das maiores cobranças sobre a bauxita paraense diz respeito à sua verticalização. Em que pese já haver beneficiamento do minério no estado, existem entraves para a intensificação deste processo. A Alcoa não vai verticalizar a produção da Mina de Juruti no. O minério será enviado para a Alumar, refinaria da empresa instalada em São Luís, no Maranhão. A multinacional chegou a cogitar a implantação de uma refinaria e de uma fábrica de alumínio no Pará, mas adiou os planos porque não há energia elétrica suficiente para atender estes empreendimentos. “Se conseguirmos ter energia a preço competitivo no norte do país, podemos pensar em fazer o beneficiamento da bauxita em Juruti e fazer a produção do alumínio no Pará, perto de Belo Monte”, disse Nermércio Nogueira, diretor de Assuntos Institucionais da Alcoa, citando a construção da usina de Belo Monte, que há anos patina em seu licenciamento ambiental.

A reserva de bauxita da mina de Juruti é estimada em 700 milhões de toneladas métricas. Com esta quantidade a Alcoa poderia produzir no Pará, na teoria, 350 milhões de toneladas de alumina e 175 milhões de alumínio. “Se não tivermos novas fontes de energia, será impossível verticalizar algo além do que já fazemos hoje”, comenta José Conrado, presidente da FIEPA.

Segundo o Ibram, também joga contra a verticalização a alta carga tributária praticada no Brasil. Uma pesquisa do instituto mostra que 35,14% do valor de uma tonelada de bauxita produzida no Brasil são compostos de impostos. É a segunda maior tributação sobre o minério no mundo todo – só em Guiné a “mordida” do Estado é mais forte. À medida que o minério é verticalizado e os impostos incidem em cada fase do beneficiamento industrial, o produto final vai encarecendo e perdendo competitividade.

Fôlego para a expansão

A expansão da mineração no Pará pode ser encarada sob dois aspectos. Em um deles, é uma boa notícia para a economia e para o desenvolvimento do estado. Só em 2008 o setor respondeu por 35,1% do PIB (Produto Interno Bruto) paraense. Além disso, as empresas geraram para os cofres estaduais uma arrecadação milionária. Até agosto de 2009, o Pará já havia arrecadado mais de R\$ 169,4 milhões na forma da CFEM (Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais), atrás apenas de Minas Gerais, que arrecadou R\$ 218,3 milhões. Devido a amarras legais, estes recursos não podem ser revertidos para o pagamento de dívida ou no quadro permanente de pessoal do Estado. Eles devem ser aplicados em melhoria da infraestrutura, da qualidade ambiental, da saúde e educação.

O outro aspecto deste crescimento é o desafio de crescer sem deixar um passivo muito grande para o estado. O setor ainda busca a fórmula mais adequada de compensar os inevitáveis impactos sociais e ambientais provocados pela extração dos minérios. Exemplos existem, desde aqueles que estão cravados na floresta há décadas até

aqueles que iniciaram as operações recentemente. Como a MRN (Mineração Rio do Norte), empresa que produz bauxita às margens rio Trombetas, em Oriximiná, e a recém-inaugurada Alcoa Mina de Juruti.

A MRN está há 30 anos em operação e desde então acumulou experiências positivas e negativas na gestão social e ambiental. Por ser uma das primeiras grandes empresas instaladas no coração da Amazônia, teve como árdua missão ser a pioneira em muitos quesitos. Hoje, os trabalhos desenvolvidos pela MRN no âmbito da preservação ambiental, patrimônio cultural e recuperação de áreas degradadas são objetos de estudos de cientistas do mundo inteiro.

Com florestas recuperadas de mais de 20 anos de idade, a empresa mostrou que é possível fazer lavra a céu aberto e ainda assim respeitar o meio ambiente. Uma das maiores provas apontadas pela empresa, durante as visitas de comunitários, acionistas e familiares de empregados às áreas reflorestadas, é o fato de espécies de castanheiras já estarem frutificando, o que geralmente ocorre após os 15 anos de vida da árvore.

A Alcoa Mina de Juruti vive uma experiência diferente. Primeiro, enfrentou resistências de próprios moradores do município, incomodados com a possibilidade de ver a sua vida pacata, baseada na agricultura de subsistência, virar de ponta cabeça. Depois, encarou um desgastante processo de licenciamento ambiental, pontuado por duros embates com o Ministério Público. Este histórico fez a empresa guardar bons montantes financeiros para investir no relacionamento comunitário, programas ambientais e em cursos de capacitação para moradores da região. Paralelo às pesquisas minerais, a multinacional nacional lançou o projeto Juruti Sustentável, com a ambição de criar no município do oeste paraense um modelo de desenvolvimento local. Foram firmadas parcerias com organizações não governamentais, instituições de ensino e entidades de pesquisa para criar uma verdadeira agenda de desenvolvimento, que incluiu desde o treinamento de moradores para desenvolver novas fontes de renda até a criação de um fundo (o Fundo Juruti Sustentável) para captar recursos e investir em áreas indicadas pela própria comunidade.

A preocupação com a sustentabilidade tornou-se um imperativo entre as empresas. Virou praticamente uma questão de sobrevivência de um empreendimento "A operação está integrada à comunidade e a qualquer momento, se a comunidade não nos conceder licença para operar, ela interrompe o funcionamento, seja na ferrovia, seja no porto, na jazida", diz Franklin Feder, presidente da Alcoa América Latina e Caribe. "Nossa premissa é a de que a sociedade hoje não tolera mais projetos de mineração estanques, em que a diretoria e a gerência têm condomínios, campos de golfe, lojas e restaurantes, realidades absolutamente distantes, divorciadas do que está fora do muro."

O Pará, como outros estados amazônicos, já foi calejado com operações minerais mal-sucedidas, sobretudo na região da bacia do Tapajós, onde a exploração desenfreada do ouro provocou durante anos a degradação ambiental do local. Daí a pressão social para que a nova expansão do setor seja pautada pela responsabilidade social e, sobretudo, ambiental.

BOX

Riscos à frente

Mas nem tudo são flores para a mineração no Pará. Veja alguns entraves para o crescimento do setor:

- **MARCO REGULATÓRIO** – O governo, incentivado pelo ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, quer mudar a legislação do setor mineral. O objetivo é reajustar o valor dos royalties cobrados das empresas, o que pode inviabilizar novos investimentos.
- **TERRAS DESCONHECIDAS** – O conhecimento geológico do estado ainda é pobre, o que pode desestimular as empresas a investir em novas pesquisas.
- **LICENCIAMENTO TRAVOSO** – Pela carência de infraestrutura da Secretaria de Estado de Meio Ambiente, o governo estadual ainda derrapa na emissão de licenças ambientais. Licenciamentos podem demorar anos.



ndimentos
como o

e para

- **ESTRUTURA** – A falta de boas rodovias e hidrovias encarece a implantação de empreendimentos, o que pode inviabilizá-los.
- **POLÍTICA DE GOVERNO** – Não existe na estrutura do governo um órgão específico para pensar o desenvolvimento mineral e nem são praticados incentivos para a atração de novos empreendimentos.

BOX

O RAIO-X DA MINERAÇÃO NO PARÁ

- Empresas em atividades: 55
- Minas em atividade:
- Empregos gerados: 13.858 *
- Principais produtoras:

Empresa	Substâncias
1. Vale	Areia, Bauxita met., Cobre, Ferro, Ouro, brita
2. Mineração Rio do Norte	Areia, Bauxita metálica
3. Imerys Rio Capim Caulim	Caulim
4. Rio Doce Manganês	Manganês
5. Pará Pigmentos	Caulim

Fonte: AMB/Empresas

- Principais municípios arrecadadores da CFEM **:

Município	Valor (em R\$)
1. Parauapebas	84.668.049,46
2. Oriximiná	29.335.812,42
3. Canaã dos Carajás	22.455.000,00
4. Ipixuna	8.916.191,59
5. Paragominas	2.131.000,00

Fonte: Empresas



A transformação das olarias

Métodos de inovação dão à atividade cerâmica jovialidade para melhorar a qualidade da produção e expandir a utilização do material em outros mercados

Com uma história que se iniciou ainda na fase pré-cristã, por volta de 15.000 a.C., o tijolo não serviu apenas para construir prédios. Ele foi fundamental para dar a humanidade o sentimento de lar, comunidade, nacionalidade. “O surgimento das casas faz com que o homem natural permaneça mais tempo em um mesmo lugar e na companhia de seus companheiros, nascendo assim as famílias e com elas os sentimentos mais ternos que são conhecidos dos homens: o amor conjugal e o amor paterno”, descreve o filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau em seu ensaio sobre a origem e os fundamentos da desigualdade.

Assim como o tijolo, todos os artefatos à base da cerâmica têm grande importância para a formação da sociedade. Na atualidade, eles se

Métodos de inovação dão à atividade cerâmica jovialidade para melhorar a qualidade da produção e expandir a utilização do material em outros mercados

tornaram um dos materiais mais democráticos, estando presente nas construções mais humildes e em condomínios luxuosos. Como a técnica de produção de tijolos, telhas e outros materiais de cerâmica vem desde a antiguidade, as novas construções exigiram que a atividade se modernizasse e acompanhasse o avanço tecnológico da sociedade atual. Para se ter uma idéia de evolução, a cerâmica, nos dias atuais, faz parte integrante de inúmeros processos e produtos, como motores de carros, nave espacial e artefatos médicos e odontológicos.

“Se não fosse a tecnologia, ainda estaríamos amassando tijolos com os pés”, afirma Amanda de Oliveira, professor da Escola do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) Mario Amato, localizada no município de São



Bernardo do Campo, em São Paulo. Hoje, a instituição assessora todas as empresas de cerâmicas espalhadas pelo Brasil, e contabiliza resultados satisfatórios. A redução no consumo de energia em 35% no processo produtivo de tijolos, por exemplo, foi possível através das pesquisas coordenadas pelo Centro Integrado de Formação Profissional em Cerâmica, da Escola do Senai.

Segundo Armando, a redução de energia elétrica foi uma luta muito grande, pois os preços subiam muito, aumentando o custo da produção. No início da pesquisa, a equipe do Senai Mario Amato buscou modificar inicialmente o consumo no processo de extrusão (quando compacta a argila, dando forma para a massa) que era o mais pesado da atividade. Foram feitas inúmeras mudanças no processo de extrusão para baixar o custo energético, como a modificação do desenho da boquilha, colocação de dispositivos no embudo da maromba para facilitar o fluxo de massa e modificação da composição de massa. “Depois de vários testes obtivemos o resultado esperado”, explica o professor.

As pesquisas realizadas pelo Centro também foram importantes para a redução no consumo de combustível, o qual caiu entre 30% e 50%,

Métodos de inovação dão à atividade cerâmica jovialidade para melhorar a qualidade da produção e expandir a utilização do material em outros mercados

reduzindo a emissão de gases no meio ambiente. “O primeiro passo foi treinar todo o pessoal envolvido com a queima, depois modificamos fornalhas, chaminés e canais. Após as mudanças partimos para o uso de combustíveis renováveis e menos poluentes. Estudamos o poder calorífico de cada um e seu comportamento durante a queima. Hoje temos inúmeros combustíveis alternativos em uso, todos com baixo índice de poluição”, diz Armando.

De acordo com o presidente da Associação Nacional das Indústrias de Cerâmica (Anicer), Luis Barbosa Lima, é importante os ceramistas propagarem suas ações sustentáveis para por fim ao preconceito de alguns setores da sociedade, que consideram a atividade predatória. “No passado, as olarias, assim como outros setores industriais, utilizavam madeira virgem para a queima nos fornos, porém isto já não é mais realidade. Nossas olarias estão sendo duas vezes mais limpas. Isto porque, além de utilizar os resíduos do agronegócio para a queima em nossos fornos, também acabamos com os depósitos de resíduos que concentravam metano e liberavam este gás poluente no meio ambiente. Somos uma atividade industrial que tem consciência e prezamos pela sustentabilidade de nossa produção.”

CADA VEZ MAIS SUSTENTÁVEIS

Para discutir a importância deste segmento, a Anicer promoveu, pela primeira vez no Pará, o 38º Encontro Nacional da Indústria de Cerâmica Vermelha, maior evento do setor na América do Sul, que foi realizado no último mês de agosto, no Hangar. O encontro reuniu ceramistas de todo o Brasil para discutir sobre inovação e novas fontes de energia para a atividade cerâmica. A sustentabilidade da atividade produtiva ganhou destaque. Na solenidade, cerâmicas de todas as regiões receberam seus certificados de qualificação no Programa Setorial da Qualidade de Blocos e Telhas Cerâmicos, promovido pela Anicer. A cerimônia também marcou a entrega de documentos que atestam a sustentabilidade nas indústrias e permitirão a venda de créditos de carbono. Aliás, algumas empresas certificadas já vislumbram receber dividendos pela redução da emissão de gases em seus processos produtivos.

O presidente da FIEPA, José Conrado Santos, que também preside o Conselho Regional do Senai no Pará, anunciou os investimentos que estão sendo feitos para atender as demandas da construção civil no Pará. Através de convênio firmado como Sindicato da Cerâmica de São Miguel do Guamá (Sindicer), o Senai entregou, no início de outubro, o Laboratório de Ensaio de Cerâmica Vermelha. Este laboratório faz parte do projeto do Centro de Educação Profissional Danilo Remor, voltado para a construção civil, o qual terá também Laboratórios de Mecânica de Manutenção de Equipamento, de Solda, de Mão de obra para o setor elétrico e um auditório com 200 lugares.

Para o presidente do Sindicer, Raimundo Barbosa, o Laboratório de Ensaio de Cerâmica Vermelha - que era uma das prioridades do sindicato - beneficiará não só o município de São Miguel do Guamá, sede do laboratório, mas também atenderá a demanda dos municípios ao redor, na região Nordeste do estado. “Este laboratório é um sonho que está virando realidade. Agora será possível contar com uma mão de obra mais especializada e capacitada”, revela Barbosa.



Métodos de inovação dão à atividade cerâmica jovialidade para melhorar a qualidade da produção e expandir a utilização do material em outros mercados

EXPANSÃO À VISTA

A inovação no setor dará aos ceramistas maior fôlego para enfrentar a alta demanda que vem sendo esperada para os próximos dois anos. Segundo Barbosa, o setor – que chegou a sofrer os impactos da crise internacional no primeiro trimestre deste ano – despontará com o Programa Minha Casa, Minha Vida, do Governo Federal, o qual prevê a construção de 51 mil habitações para o Estado do Pará.

Atualmente a produção mensal do principal pólo cerâmico do estado, em São Miguel do Guamá e Irituia (Região Nordeste), é de 30 milhões de tijolos e nove milhões de telhas. O pólo de São Miguel concentra 40 das 200 empresas cerâmicas, e emprega três mil funcionários diretamente e outros nove mil indiretamente.

Outro pólo que vem se desenvolvendo como um importante produtor de artigos em cerâmica é o de Marabá. De acordo com o Sindicer, o município já congrega mais de 20 empresas cerâmicas, com expectativa de crescimento elevado para os próximos quatro anos. A expansão do pólo cerâmico de Marabá deverá sofrer impactos positivos diretos com a construção da Aços Laminados



O Laboratório de Ensaio de Cerâmica Vermelha será fundamental para inserir a inovação no processo produtivo cerâmico paraense. Através do centro de análise de cerâmica, as indústrias poderão desenvolver uma produção mais resistente, com maior qualidade, além de controlar os gastos e as perdas de matéria-prima.

O presidente do Sindicar afirma que o Laboratório contribuirá também para dar aos produtos paraenses condições de se enquadrarem nas normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e do Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial (InMetro). “Atualmente, temos três empresas certificadas no Programa Setorial de Qualidade (PSQ) Telhas Cerâmicas. Elas são paraenses, porém levavam seus produtos para teste em laboratórios de análise de outros estados, dada a ausência de pesquisa realizada no Pará”, conta.

Com os testes de qualidade na produção paraense será possível que mais empresas daqui recebam certificações, atestando as condições do produto e expandindo o seu mercado consumidor. “A tendência é que as construtoras, que estão se certificando nos órgãos competentes, exijam produtos de fornecedores também certificados. Através do laboratório, nossa produção

Métodos de inovação dão à atividade cerâmica jovialidade para melhorar a qualidade da produção e expandir a utilização do material em outros mercados

EVOLUÇÃO CONTÍNUA

A evolução da cerâmica começou após a Primeira Guerra Mundial, com fornos que chegavam a queimar em temperaturas próximas a 1.000 °C. A Europa foi a principal renovadora do processo produtivo da cerâmica, produzindo pisos, tijolos, telhas e a manilha (tubo) que foi a maior revolução da cerâmica. De lá pra cá a cerâmica evoluiu muito e continua evoluindo. No caso específico dos motores de carros, a cerâmica poderá até mesmo substituir materiais como o ferro e o alumínio. Muitos fabricantes de automóveis já vêm testando a cerâmica.

As pesquisas confirmam o benefício do material ante aos metais. As peças internas feitas desse material precisam de menos lubrificação, além de durarem mais por não serem corrosivas e serem mais leves que as similares de ferro e alumínio. As peças em cerâmica também se mostraram mais resistentes às altas temperaturas que as feitas de metal, se tornando mais estáveis e não se deformam nem dilatam quando em condições críticas de uso.

Desenvolvimento xx ao nosso alcance

III Encontro Estadual da Indústria reforça que o cenário é favorável ao crescimento do estado, mas que empresários e governo precisam afinar estratégias

“Se tratando de um seminário preparatório para um encontro nacional, os grandes temas peculiares ao nosso estado também devem constar na pauta das nossas decisões para que os nossos representantes em Brasília conheçam o pensamento da classe empresarial e para que, junto à CNI, passe a ser o nosso quadro de prioridades”, argumentou José Conrado Santos, presidente da FIEPA durante o III Encontro Estadual da Indústria.

O encontro, realizado em setembro, teve como palco Salinópolis, município distante cerca de 200 quilômetros de Belém, e reuniu mais de 50 empresários, representantes dos mais variados setores da indústria paraense. Eles debateram os grandes investimentos previstos para a região Norte e as políticas públicas para aumentar a competitividade da produção paraense.

As críticas e sugestões do encontro, promovido pelo Sistema FIEPA, serão resumidas na Carta da Indústria Paraense, a ser entregue à CNI (Confederação Nacional da Indústria) no 4º Encontro Nacional da Indústria, dias 17 a 18 de novembro, em Brasília.

“Mais do que nos outros anos, nesta tercei-



• III Encontro Estadual da Indústria reforça que o cenário é favorável ao crescimento do es



III Encontro Estadual da Indústria reforça que o cenário é favorável ao crescimento do estado, mas que empresários e governo precisam afinar estratégias

ra edição do evento pudemos conferir a maior participação dos sindicatos. Acredito que isto é fruto de uma maior consciência das nossas instituições sindicais, que durante estes dois últimos anos recebeu treinamento através do Programa de Desenvolvimento Associativo, o PDA, e entendeu que para termos uma indústria fortalecida, precisamos nos unir”, explicou o coordenador do evento, Ivanildo Pontes.

Convidado a participar para intercâmbio de estratégias de gestão, o presidente da FIEMG (Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais), Robson Andrade, disse que o encontro é importante para o fortalecimento de sindicatos e de federações. “Dessa forma é possível agregar e fortalecer a federação, na medida em que ela se torna a principal interlocutora na defesa de propostas para o desenvolvimento industrial das regiões e do Brasil.”

O ex-governador Simão Jatene criticou a postura dos atuais governos, os quais, segundo ele, não desenvolveram uma estratégia para o desenvolvimento da Amazônia. “O único momento da



tado, mas que empresários e governo precisam afinar estratégias

história que tivemos uma estratégia para esta região foi durante o governo militar. Foi ineficiente, isso é inegável, mas era aquilo que tínhamos de disponível. Até então, nenhuma outra estratégia foi desenvolvida para a Amazônia”, afirmou.

Além de Jatene, o Encontro Estadual também contou com a presença da governadora Ana Júlia Carepa, que durante seu discurso destacou as ações para os próximos anos. “O Pará vive um momento único na história. Poucas vezes recebeu, num curto espaço de tempo, tantos recursos públicos e privados, e em áreas essenciais, como infraestrutura, energia, habitação e saneamento. Serão pelo menos R\$ 60 bilhões até 2014”, ressaltou.

Entre os investimentos privados, o coordenador executivo da Vale, Evandro Rolim, apresentou os projetos de níquel, o Onça Puma, e o de extração do cobre no município de Marabá, o Salobo I. O primeiro, que deverá operar em setembro de 2010, será responsável pela produção de 58 mil toneladas de níquel por ano e empregará durante sua fase de instalação cerca de 3.500 trabalhadores. O investimento previsto para o projeto é de R\$ 4.59 bilhões. Já o projeto de extração de cobre, que está prevista para iniciar em 2011, injetará na economia paraense um investimento de R\$ 3.27 bilhões, e terá a capacidade de produzir cerca de 270 mil toneladas por ano de concentrado de cobre.

“É importante que nossos empresários conheçam o cronograma de obras da Vale para poder se preparar para o que está por vir. Os investimentos bilionários poderão ser ótimos condutores

FOCO EM 2010

O IEL (Instituto Euvaldo Lodi), Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) e o Sesi (Serviço Social da Indústria) aproveitaram o encontro para apresentar aos empresários as ações desenvolvidas ao longo deste ano e anunciar os seus planejamentos para 2010.

IEL

O que vem por aí:

- ☑ Agregará às suas ações o Projeto Inovar, o qual contribuirá para o desenvolvimento da Gestão da Inovação nas empresas paraenses.
- ☑ Vai desenvolver os projetos Fornada de Talentos, Talento Trainee e o Projeto Visitar são todos voltados para o fortalecimento da relação entre o setor empresarial paraense e as instituições de conhecimento, tendo como público alvo os estagiários.
- ☑ Lançará o Programa de Qualificação de Fornecedores (PQF Municipal), que prestará consultoria e desenvolverá treinamento junto aos fornecedores das prefeituras paraenses.

SESI

O que vem por aí:

- ☑ Expandir o Programa Sesi Indústria Saudável, que já realizou mais de 14 mil atendimentos com trabalhadores de cerca de 90 empresas industriais do Estado
- ☑ Implantação do MEG (Modelo de Excelência da Gestão), da FNQ (Fundação Nacional da Qualidade), no intuito de estimular a profissionalização de colaboradores e da gestão interna.
- ☑ Início da obra da sua nova unidade, intitulada Sesi Indústria Saudável, a ser construída em Belém, na Avenida João Paulo II, com espaço físico de 3.441,62 m², em seis andares. Local vai oferecer soluções integradas para as indústrias nas áreas de Medicina Assistencial, Odontologia, Saúde e Segurança do Trabalho, Academia de Esportes, Laboratório de Fisiologia, Inclusão Digital, Educação Continuada (Telecentro), Biblioteca e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

SENAI

- ☑ Revitalização do Centro de Educação Profissional Getúlio Vargas, de Belém com a criação de mais nove cursos: alimentos; eletrotécnica; eletroeletrônica; design de

E não é que eles cantam bem!?



Sesi Música revela trabalhadores da indústria paraense com potencial para fazer bonito também fora do local de trabalho. É o talento aflorando nos palcos

Celso Luiz Gomes trabalha há cinco anos na Pará Indústria, empresa do ramo alimentício instalada em Castanhal. Já foi motorista, serviços gerais e agora é operador. O desejo é de continuar crescendo na empresa e manter o ritmo de promoções. Mas o sonho dele não é esse. Aos 35 anos, Celso quer mesmo é gravar um CD autoral. Ele é cantor e um grande fã de Roberto Carlos. Está decidido a deixar as interpretações do Rei de lado e partir para eternizar suas músicas próprias. E logo: a meta é participar de eventos em 2010 com suas composições.

Você deve estar se perguntando: por que o experiente operador está tão interessado em uma carreira artística incerta? A resposta é simples: ele se sentiu estimulado. Celso foi o grande vencedor do Festival Sesi Música 2009 na categoria “Interpretação”. De acordo com o trabalhador-artista, a vitória foi o pontapé para realizar o sonho de gravar um CD autoral. “Espero no ano que vem participar novamente do Festival do SESI, só que agora apresentando minha própria músi-



SESI MÚSICA REVELA TRABALHADORES DA INDÚSTRIA PARAENSE COM POTENCIAL PARA FAZER BONITO TAMBÉM FORA DO LOCAL DE TRABALHO. É O TALENTO AFLORANDO NOS PALCOS

ca”, diz, sem esconder a animação.

Celso é o espelho do trabalhador da indústria que teve o seu talento e criatividade incentivados durante o Festival Sesi Música, que neste ano foi realizado pela primeira vez no Pará. No período de julho a setembro, muitos ritmos e estilos musicais foram apresentados no evento, que contou com a participação de 48 trabalhadores-artistas de mais de 20 empresas industriais. Estiveram representados seis municípios onde o Sesi possui unidades que atendem os distritos industriais de Ananindeua, Altamira, Belém, Castanhal, Marabá e Santarém.

Os trabalhadores-artistas disputaram o Festival em duas modalidades: “Interpretação não inédita” e “Composição e interpretação inédita”. Os concorrentes puderam



escolher qualquer estilo musical brasileiro para apresentar a interpretação ou a sua composição. A grande decisão da etapa Estadual do Festival foi realizada no dia 11 de setembro, no Teatro do Sesi, em Belém, para um público de cerca de 500 pessoas. Os grandes vencedores receberam prêmios em dinheiro e foram classificados para representar o estado e a sua empresa industrial na etapa nacional, que ocorrerá em dezembro, em Brasília.

Jean Carlos da Silva, trabalhador dos Correios, foi o vencedor da categoria “Composição Inédita” com a música “Grão-Pará”. Ele começou a cantar ainda com 7 anos de idade. A partir dos 16 teve os primeiros contatos com o violão e passou a compor as primeiras músicas. Hoje, aos 34 anos, já contabiliza mais de 100 musicais autorais no seu repertório. No entanto, nunca levou o hobby como profissão, mas já participou e venceu outros festivais amadores de música, como o Festival de Música dos Correios.

“Um evento como este é muito importante para valorização da nossa cultura e dos trabalhadores paraenses. O Sesi envolveu pessoas de todo o estado e algumas delas nem sequer conheciam a capital do Pará. Foi inesquecível. Com certeza todos voltaram mais felizes para as suas empresas e vão trabalhar com a autoestima lá em cima, pois eu estou assim, feliz por ter vencido e ver o meu trabalho reconhecido por todos”, disse Jean Carlos.

O chefe de Celso Luiz, aquele do início da matéria, também gostou do festival. Segundo Alan Monteiro, gerente geral da Pará Indústria, o evento vai refletir em motivação no ambiente de trabalho. “Quando nosso colaborador nos pediu apoio para participar do Festival, não pensamos duas vezes em ajudá-lo, pois assim como o Sesi, nosso grupo também gosta de realizar sonhos.” x



UMA TURMA PARA LÁ DE AFINADA

Durante os três meses de Festival em que o Sesi rodou seis municípios para selecionar os finalistas da etapa estadual, a banda de música da UFPA (Universidade Federal do Pará) foi uma parceira que contribuiu muito para o bom desempenho dos trabalhadores-artistas. Os músicos da banda eram os responsáveis por deixar cada um dos cantores afinados para as apresentações oficiais. Além dos ensaios com dois dias de antecedência em cada uma das etapas, eles ministraram oficinas sobre técnicas vocais, postura, presença de palco e desenvoltura, entre outras atividades, tudo para deixar as apresentações com mais qualidade.

“No mundo inteiro, muitas empresas têm utilizado diversas modalidades musicais como, por exemplo, o canto coral, para estimular a socialização e o desenvolvimento pessoal dos trabalhadores. E aqui, o nosso trabalho foi o de trazer o máximo de ajuda para eles possam desenvolver melhor o trabalho que já vem fazendo há algum tempo”, falou o professor de canto da Escola de Música da UFPA, Jefferson Luz.

O maestro da Banda da UFPA e arranjador do Festival, Idalci Filho, mais conhecido como Cizinho Já, conta que ficou surpreso com a dimensão e qualidade do Festival. “Foi uma oportunidade para despertar diversos talentos na indústria,

• *III Encontro Estadual da Indústria reforça que o cenário é favorável ao crescimento do estado, mas que empresários e governo precisam*



• *“Encontro Estadual da Indústria reforça que o cenário é favorável ao crescimento do estado, mas que empresários”*

Medalha de ouro em conhecimento

Promovido pelo Senai, maior torneio de educação profissional no Pará testa os saberes técnicos dos novos talentos da indústria

Olimpíadas. É aquele grande evento que, de quatro em quatro anos, reúne a nata da natação, vôlei, basquete e tantas outras modalidades esportivas para competições acirradas, certo? Sim, mas em partes. Esqueça por um instante os corpos atléticos e todos aqueles momentos de disputa nas quadras, campos e na água. O vigor físico dá lugar à inteligência, concentração, disciplina e determinação no mais novo modelo de olimpíadas do século XXI, a Olimpíada do Conhecimento. Nela, são testados os saberes técnicos, competência, criatividade, qualidade e o tempo da execução de provas que simulam situações enfrentadas na vida profissional.

Essa nova modalidade de olimpíada já acontece no Pará. Cerca de 30 alunos dos Centros de Educação Profissional do Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), da FIEPA, participaram da etapa estadual, realizada em



Estadual da Indústria reforça que o cenário é favorável ao crescimento do estado, mas que empresários”

Gérson Peres, deputado federal

Belém, nas modalidades marcenaria, tornearia, mecânica de automóvel, confecção de calçados, eletrônica industrial, soldagem e eletricidade industrial. As provas, que aconteceram durante cinco dias no hall da FIEPA, foram alinhadas às exigências do WorldSkills, maior competição de educação profissional do mundo. Assim, os participantes tiveram de enfrentar testes mais complexos e com tempo de execução menor. O objetivo foi prepará-los para a etapa nacional, que acontece no Rio de Janeiro, em 2010, e é decisiva para a classificação no WorldSkills 2011, que ocorrerá em Londres.

Foi exatamente pelo grau de dificuldade da competição que os sete vencedores da medalha de ouro comemoram tanto. O jovem Jailson César vibrou como poucos. Aos 20 anos, ele conseguiu montar um bloco excêntrico, peça metálica que é utilizada em caminhões e máquinas pesadas, em três dias. Em média, este trabalho consome



JOVENS TALENTOS

A Olimpíada do Conhecimento é mais uma oportunidade ofertada pelo Senai para as empresas encontrarem mão de obra qualificada e selecionar bons profissionais para os seus quadros. “Ser um vencedor da Olimpíada do Conhecimento significa ter portas abertas para o exigente mercado de trabalho, que está atento aos jovens talentos”, afirma Edda Sena, coordenadora do evento.

Que o diga Willas Mendes dos Santos, presidente da empresa moveleira Willas Móveis e Cia., instalada em Altamira há cerca de três anos. Ele acompanhou de perto a Olimpíada do Conhecimento. Foi um dos maiores apoiadores de Adriana de Souza, que montou um belo armário de escritório e faturou a medalha de ouro na modalidade marcenaria. Não foi à toa: aluna do Senai de Altamira, ela é ex-estagiária da Willas Móveis. “Depois dessa, ela tem portas abertas na empresa”, brincou o empresário.

Para o diretor regional do Senai-PA, Gerson Peres, eventos como a Olimpíada vão além de revelar novos talentos. Segundo ele, a iniciativa reforça a preocupação da entidade com a qualidade da educação e da formação profissional dada aos alunos.



• “ENCONTRO ESTADUAL DA INDÚSTRIA REFORÇA QUE O CENÁRIO É FAVORÁVEL AO CRESCIMENTO DO

dois dias de um profissional. Cumpriu a tarefa diante de avaliadores, imprensa e visitantes, que passeavam pelo hall da FIEPA durante a olimpíada – esta “pressão” foi proposital, para testar o poder de concentração dos alunos e simular o que acontece na etapa nacional. Valeu a pena. Ele foi o vencedor da categoria tornearia.

“A minha paixão é a tornearia. O aprendizado que vou levar dessa prova é muito valioso”, disse Jailson, que é aluno do curso de torneiro mecânico na unidade do Senai em Castanhal. Ele e os outros seis vencedores da medalha de ouro estão selecionados para representar o Pará na fase nacional, no Rio de Janeiro.

Aline Raiane dos Anjos, do Centro de Educação Profissional de Castanhal, teve um motivo a mais para comemorar. Além de conquistar o ouro na modalidade confecção de calçados, ela garantiu o primeiro lugar geral da olimpíada. “Lutei muito para isso e vou continuar lutando

DE OLHO NELES

Na última competição do Wordskills, o Brasil conquistou o quarto lugar do mundo em educação profissional. Superou países de primeiro mundo como Estados Unidos, Alemanha, Japão e Canadá e se consagrou no maior torneio internacional de profissões, em Calgary, no Canadá. Este ano, a torcida vai para a delegação paraense. Confira quais alunos do Senai irão representar o Pará na etapa nacional da Olimpíada do Conhecimento, no Rio de Janeiro, em 2010:



CALÇADOS
Aline Raiane
Aranha
dos Anjos
(Castanhal)



ELETRÔNICA INDUSTRIAL
Victor Roberto
G. da Cunha
(Getúlio Vargas – Belém)



MARCENARIA
Adriana Claudia
de Souza
(Altamira)



MECÂNICA DE AUTOMÓVEIS
Bruno Rodrigues
Pinheiro
(Castanhal)



MECÂNICA DIESEL
Marcelo Barbosa
da Silva (CEDAM – Belém)



SOLDAGEM
Alan Cristian
Ribeiro da Silva
(Getúlio Vargas – Belém)



TORNEARIA
Jailson César
Brito de Sales
(Castanhal)



AS EMPRESAS VÃO À PROCISSÃO

Para algumas, é uma questão ideológica. Para a maioria, porém, apoiar o Círio de Nazaré é uma maneira de reforçar a sua marca e incentivar a cultura paraense

Pés descalços, joelhos no chão; barcos na cabeça, lágrimas de agradecimento; olhos fechados em apelos e milhares de pessoas caminhando juntos numa procissão de devoção e fé. É assim que muitos paraenses descrevem a maior festa religiosa do estado e uma das mais importantes do Brasil, o Círio de Nazaré. A festividade é realizada em Belém há mais de dois séculos e atrai multidões para as ruas da cidade, que mergulha em um mar de devoção à Nossa Senhora de Nazaré, padroeira dos paraenses.

As romarias, 11 no total, começam com o traslado da imagem de Nossa Senhora de Nazaré para Ananindeua, na Região Metropolitana de Belém, e culmina com o Recírio. Mas a grande festa ocorre mesmo no segundo domingo de outubro pelas ruas do centro da capital paraense. É neste dia que a procissão sai da Catedral de Belém em direção à Praça Santuário de Nazaré, onde a imagem da Virgem fica em exposição por 15 dias. Este percurso é de quase 4 quilômetros e, nos últimos anos, durou mais de cinco horas – em 2004 o trajeto foi completado em nove horas e quinze minutos.

Durante a procissão do domingo, mais de 2 milhões de pessoas se reúnem em oração para agradecer as bênçãos alcançadas, pedir graças ou apenas para servir de voluntários na procissão. É neste dia que se entende o significado do “Círio”. O termo tem origem na palavra latina cereus (de cera), que significa vela grande de cera. Na procissão, fiéis costumam carregar sobre a cabeça objetos feitos de cera ou de gesso que simbolizam graças alcançadas. É comum ver pessoas carregando miniaturas de casas, carros e outros objetos.

Círio é tempo de homenagens. Várias empresas paraenses participam da festa. Pela orientação religiosa dos seus donos e funcionários, por



• *Para algumas, é uma questão ideológica. Para a maioria, porém, apoiar o Círio de Nazaré é uma maneira de reforçar a sua marca e incentivar a cultura paraense*

incentivar a cultura regional ou simplesmente por estarem contagiadas pelo clima devocional, empresas capricham no voluntariado. O exemplo é a Fábrica de Sabão Santa Maria, localizada no distrito de Icoaraci, na Grande Belém, que há dez anos doa água e ainda cede dois caminhões para que os funcionários da fábrica possam entregar água aos promesseiros da corda no domingo do Círio.

“Essa é nossa forma de agradecer pela proteção, saúde e por tudo que Nossa Senhora de Nazaré nos proporciona diariamente. Temos muita devoção e é uma tradição de família”, afirma Luiz Otávio Rei Monteiro, diretor-executivo da Fábrica de Sabão Santa Maria.

Além de doar água, a Fábrica Santa Maria sempre prepara um café da manhã reforçado para recepcionar a Guarda de Nazaré durante a Romaria Fluvial, que acontece no sábado pela manhã, na véspera do Círio. “Além da guarda, o café da manhã é compartilhado com os moradores da comunidade. É um momento de união e costumamos fazer uma pequena celebração religiosa, aqui, em Icoaraci, com a comunidade também”, afirma Rei Monteiro

i Indústrias no Círio

Outras empresas costumam doar ventarolas, velas, viseiras e santinhos de Nossa Senhora para os romeiros, sem falar nos produtos especiais, alusivos ao Círio, que são lançados neste período. O objetivo é fortalecer suas marcas e homenagear a padroeira do povo paraense. E isso não acontece só em Belém. Em Barcarena, município distante cerca de 100 quilômetros da capital, grandes empresas do polo industrial organizam uma grande festa para comemorar a visita da Santa. Organizadas na Assemb (Associação de Empresas de Mineração e Metalurgia de Barcarena), as indústrias abrem as portas para receber a imagem peregrina da padroeira. A visita, que já consta no calendário oficial da festividade, costuma acontecer três semanas antes da procissão do Círio em Belém.

UM CASO ESPECIAL DE DEVOÇÃO

A Imerys Rio Capim Caulim, produtora de caulim que possui unidades nos municípios de Barcarena e Ipixuna, constitui um caso diferenciado de relacionamento com o Círio de Nazaré. A empresa, de origem francesa, é patrocinadora oficial da festividade desde 2007. Além disso, é uma das integrantes da Assemb que recebe em suas instalações a visita da imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré. Em tempos de Círio, a mineradora costuma produzir peças publicitárias sobre a festividade e camisas para ser distribuídos aos funcionários.

“Muito além de associar nossa marca ao Círio, para a Imerys, poder contribuir para um momento de grande fé e devoção, e ajudar a quem precisa, é o que realmente vale a pena”, afirma Milton Costantin, diretor-presidente da Imerys Rio Capim Caulim, citando que o Círio é o maior centro arrecadador para as obras sociais da paróquia Nossa Senhora de Nazaré, mantenedora de três creches e responsável por atividades de assistência social nas sete comunidades da paróquia. Ele assinou a renovação da parceria entre a empresa e a Diretoria do Círio em março deste ano, durante coquetel em Belém.

A empresa não realiza ações religiosas no dia a dia e nem mesmo no segundo domingo de



• *Para algumas, é uma questão ideológica. Para a maioria, porém, apoiar o Círio de Nazaré é uma maneira.*

outubro, quando ocorre a procissão em Belém. Mas quando a imagem peregrina de Nossa Senhora visita a fábrica, em Barcarena, é feito um evento especial, com homenagens e missa, que conta com a participação da maioria dos funcionários.

Para o ex-arcebispo de Belém, Dom Orani João Tempesta, presente na cerimônia da renovação do patrocínio, a parceria demonstra o compromisso da Imerys com a sociedade paraense. “Agradecemos muito à Imerys pela parceria e peço a Deus que esse patrocínio que a Imerys está compartilhando com o Círio e também com os necessitados, possa se reverter em bênçãos para toda a empresa no mundo inteiro. Que Nossa Senhora de Nazaré ajude a empresa a sempre poder proporcionar emprego na região e cresça cada vez mais para poder servir à nação e as pessoas”, destacou à época da renovação do patrocínio.



Acima de tudo, os patrocínios são considerados ações de responsabilidade social, pois contribuem também para a o bem-estar e qualidade de vida de várias crianças e jovens. Além disso, é uma parceria que agrega valor à Festividade e, a cada ano, torna possível a realização da Festa”.

Cesar Neves, diretor coordenador do Círio 2009





• *Para algumas, é uma questão ideológica. Para a maioria, porém, apoiar o Círio de Nazaré é uma maneira.*



CÍRIO TIPO EXPORTAÇÃO

O Sistema FIEPA incentiva a divulgação do Círio para além das fronteiras paraenses. Em 2007, a FIEPA, em parceria com o Sesi (Serviço Social da Indústria), Diretoria da Festa de Nazaré e CNI (Confederação Nacional das Indústrias) levou à Brasília a exposição "Círio de Nazaré: patrimônio imaterial da cultura brasileira".

"É muito gratificante poder mostrar a riqueza cultural do povo paraense. O Círio é a mais bela manifestação religiosa do Pará e precisa ser conhecido pelos brasileiros e é um importante momento para se fortalecer o turismo no Estado", explica José Conrado Santos, presidente da FIEPA.

A exposição contou com 16 mantos oficiais utilizados por Nossa Senhora de Nazaré, parte da corda, uma réplica da berlinda e o minicírio feito com 3 mil peças em miriti, palmeira típica da Amazônia, que retrata os principais momentos do Círio

No ano passado, a exposição foi levada para São Paulo. Este ano, uma comitiva de empresários da CNI vai acompanhar o Círio de perto e ver a grandiosidade da fé que move os devotos de Nossa Senhora de



Cxxxxxxxx

XX

XXXXXXXXXX
XXXXXXXXXX

I INDÚSTRIA EM FOCO

“É muito gratificante poder mostrar a riqueza cultural do povo paraense. O Círio é a mais bela manifestação religiosa do Pará e precisa ser conhecido pelos brasileiros e é um importante momento para se fortalecer o turismo no Estado”, explica José Conrado Santos, presidente da FIEPA.

